

instituto **p**olitéc**n**ico de **l**isboa
escola **S**uperior de **t**eatro e **C**inema



um **e**spaço de **d**esmembramento

trabalho de **p**rojecto

mestrado em **t**eatro - **e**specialização em **a**rtes

performativas, **m**ovimento

maría **a**guayo **C**astaño

lisboa, **m**aio/2013

instituto **p**olitéc**n**ico de **l**isboa
escola **S**uperior de **t**eatro e **C**inema

um espaço de desmembramento

maría aguayo Castaño

trabalho de projecto submetido à escola Superior de teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em teatro - especialização em artes performativas, movimento realizada sob a orientação científica de david antunes, professor adjunto, teoria

Um espaço de desmembramento.

Índice.

| | |
|------------------------------------|-----------|
| Resumo / Palavras-chave | 4 |
| Resumen / Palabras-clave | 6 |
| Enquadramento | 8 |
| Um espaço de desmembramento | 12 |
| Bibliografia | 65 |

Um Espaço de Desmembramento

Resumo

Um espaço de desmembramento é o objecto que apresento como trabalho projecto para concluir o Mestrado em Teatro do Movimento na ESTC (Iniciado em Fevereiro de 2011 e com entrega do trabalho projecto em Maio de 2013).

Um espaço de desmembramento é um texto que se insere na modalidade de trabalho projecto mas que introduz uma variante em relação à definição desta modalidade descrita no Regulamento da ESTC. O texto é, ao mesmo tempo, o objecto original e o *ensaio* que justificaria a criação do objecto.

O texto, precedido de um enquadramento, consta duma introdução em quatro breves partes (orações), e dum núcleo escrito em forma de diário, com a data assinalada antes de cada fragmento. A frequência de escrita é inconstante e não obedece a motivos justificáveis. No fim do texto, aproximadamente nas três últimas páginas, a referência à data desaparece, numa possível prolongação infinita da sucessão dos fragmentos.

O amor é o tema central do texto, sendo que, *este* amor é sumamente abrangente e, no entanto, único.

Defendo que o amor é a exclusiva possibilidade do acto. Só o amor age. Mas o amor não é abstracto. Amor é o excesso que lança o *eu* para o *tu* e que exige o acto de ambos. Uma dança. Entendo por acto toda acção impossível que pretende conhecer o desconhecido e simultaneamente mostrá-lo.

O desconhecido é o que permanece não dito, sem palavras, e que pugna por ser pronunciado. Porém, não é o *informe* que espera ser enunciado para tornar-se inteligível senão o que acontece *sempre no instante*, pois o desconhecido carece de precedente e é (quase) simultâneo ao acto de ser dito.

Equiparo desconhecido a verdade. Ela só pode *ser* viva na sua própria e constante destruição. E *tu* e *eu* somos os únicos agentes dessa verdade.

Palavras-chave

Amor.

Eu / tu / deus.

Dizer / falar.

(Des)conhecido.

Destruição.

Vivo / morto.

Un espacio de desmembramiento

Resumen

Un espacio de desmembramiento es el objeto que presento como trabajo proyecto para finalizar el Máster en Teatro de Movimiento en la ESTC (iniciado en Febrero del 2011 y con entrega del trabajo proyecto en Abril del 2013).

Un espacio de desmembramiento es un texto insertado en la modalidad de trabajo proyecto mas que introduce una variante en relación a la definición especificada en el Reglamento de la ESTC. El texto es, al mismo tiempo, el objeto original y el *ensayo* que justificaría la creación del objeto.

El texto, precedido de un encuadramiento, consta de una introducción en cuatro breves partes (oraciones), y de un núcleo escrito en forma de diario, con fecha indicada antes de cada fragmento. La frecuencia de escrita es inconstante y no responde a motivos justificables. Hacia el final del texto, aproximadamente en las tres últimas páginas, la referencia a la fecha desaparece, en una posible prolongación infinita de sucesión de fragmentos.

El amor es el tema central del texto, siendo que, *este* amor abarca en demasía y, sin embargo, es absolutamente singular.

Defiendo el amor como única posibilidad de acto. Sólo el amor actúa. Este amor no es abstracto. Amor es el exceso que lanza el *yo* en el *tú* y exige el acto de ambos. Una danza. Entiendo por acto cualquier acción imposible que busca conocer lo desconocido para, simultáneamente, mostrarlo.

Desconocido es lo que permanece sin ser dicho, sin palabras, y pugna por ser pronunciado. Sin embargo, no me refiero a lo *informe* que espera ser enunciado para mostrarse inteligible, ya que lo desconocido no tiene precedente, ocurre *siempre en el instante*, y es (casi) simultáneo al acto de decirlo.

Equiparo desconocido a verdad. Ella sólo puede *ser* viva en su propia y constante destrucción. *Tú* y *yo* somos los únicos agentes de esa verdad.

Palabras-clave

Amor.

Yo / tú / dios.

Decir / hablar.

(Des)conocido.

Destrucción.

Vivo / muerto.

Um Espaço de Desmembramento

Enquadramento

Este trabalho projecto que apresento como objecto final do Mestrado em Teatro, Artes Performativas, Movimento, não é mais do que a matéria, o osso, duma impossibilidade. Mas, se este osso se escreve, está escrito, então é porque um acto de linguagem traiu esta impossibilidade. Atrai-me a língua impossível, a que não sei até ela aparecer.

Saber que é preciso dizer e não saber dizer é uma crueldade. Dói. Dizer a necessidade em si e não a necessidade de alguma coisa é tarefa impossível. Porém, a substância indizível é a minha alegria e o meu desespero. Amo-a inevitavelmente. Fatalidade que me atrai. Ela obriga-me a dizê-la e a cometer um acto de traição.

A raiva e a preguiça estalam na minha boca simultaneamente. Minto para dizer a verdade. A inutilidade guia-me. Minto. O desígnio empurra-me. Estou cheia de contrários, digo-os todos. O impudor sai da minha boca e eu, habilmente, freio-o, para não me gastar. Mas, inevitavelmente, sou derrubada. Ergo-me perante o que destruo em mim para não desfalecer. Instinto de sobrevivência. É por isso que os meus membros se separam do corpo, elásticos, mas depois voltam. Rio-me da minha ousadia, sou lucidamente estúpida.

No entanto, a volúpia e a violência ganham constantemente e eu deixo-me vencer. É por isso que isto é uma dança: pelo movimento irracional e pelo ritmo ordenado do bater dos órgãos. Cérebros. Os meus membros espalham-se frenéticos. Voltam ao seu lugar, a algum lugar, doem. Nada reconheço.

Este espaço de desmembramento é o espaço onde o meu corpo vivo quase quer saber da minha morte. Se mantenho o coração e o cérebro intactos, posso estar viva enquanto assisto ao meu próprio desmembramento. É isso que procuro sempre, como criança, sem eu saber. Tenho um sangue forte, de rápida regeneração. Ora assisto

passiva ao meu próprio desmembramento e deixo-me desmembrar, ora sou eu a querer arrancar-me os membros com toda a violência para saber o que se segue.

No espaço da febre e do desmembramento, subitamente vejo-te a ti e sei que já estavas aqui muito antes, estás aqui desde que eu nasci. Desde o teu nascimento, tu estás aqui. Este espaço é dos dois. Tu e eu somos indispensáveis para este espaço estar vivo. Desmembramo-nos juntos porque se eu fico só, sem ti, o desmembramento torna-se imparável e a morte definitiva vem. Neste espaço amamo-nos, eu sou de ti e tu és de mim. Tu e eu devemos ser a mesma coisa.

Sou a criança que olha para ti ávida, impertinente, sedenta duma explicação que tu nunca possas saber. Quando não sei, e até quando sei, peço de ti uma dedicação absoluta. Não faço mais do que questionar-nos, a ti e a mim, por pura inércia, por puro desejo do vivo, por pura fruição curiosa. É por isso que isto é um acto de amor. Porque peço. Porque exijo a tua presença. Porque preciso de ti de modo invulgar. Desejo arrastar-te no vivo. Desejo que tu também te arrastes. Sem ti isto é um acto estéril, mas se me dás uma só resposta, eu mato-te. Eu não quero respostas, só aceito de nós os nossos filhos.

Destruo. Prefiro a destruição. As ideias estão todas esgotadas, esgotam-me. Sou viva de vil inquietação. É preciso gritar a deus que estou viva, provocá-lo, enfurecê-lo. Gritarmos os dois. Ser desrespeitosos, sujos, canibais. É por isso que isto é uma oração. É a oração delicada que nasce dos que não têm pais, nem história, nem glória. É uma oração de criança.

Não há princípio nem fim no que se segue. Cheguei aqui por impossibilidade, por uma absoluta incapacidade para a construção. O que cresce aqui é vivo, como a sua própria aniquilação. Falho a cada instante. Quando releio, desejo apagar tudo. Não há projecto. Não há objecto. Não há discurso. Não há texto. Há uma procura feroz e uma doce entrega. Há os meus membros para tu os usares e há uma provocação. Eu sou, apenas, esta provocação.

Para ler na Leitura pública¹

Nesta leitura, quero fazer pública esta provocação. Desejo que este *eu* e esse *tu* tenham um corpo, tantos corpos. Quero que, uma única vez, a matéria dos dois seja presente para, no fim, esquecer tudo. Para, no fim, eu ficar limpa de ti e de mim. É preciso.

Este é também um acto vaidoso. E de volúpia. Quero empurrar o meu corpo no perigo desta leitura, no inesperado. Porque na tua presença, eu não sei o que vai acontecer. Desejo esta vertigem. E temo.

¹ Leitura pública realizada no dia 20 de Março de 2013 na sala Visconti da Fábrica do Braço de Prata, Lisboa. Vídeo em anexo.

Nota após a Leitura pública:

É impossível. *Tu* e *eu* não somos o mesmo corpo mas é tal impossibilidade que me faz viva, eufórica, amante. Não conheço a vergonha da derrota, quero a alegria da nova tentação. Não sei desistir. Isto nunca acaba.

Não se pode conseguir a morte porque ela mata, mas eu quero desejá-la. Desejar esse absoluto de ti e de mim, tão perto da morte. Adentrar-nos no desconhecido e provocá-lo. E provocar-te. Até à exaustão. Até à minha própria morte.

(1)

Fazer uma apresentação, uma introdução a isto, é impossível.

Sei que se o fizesse estaria a negar qualquer coisa. Estaria a negar isto. Isto que vem a seguir nega-se constantemente, vive da sua própria negação, do seu próprio aniquilamento. Devora-se a si próprio.

Dizer que estou à procura da verdade é saber que minto. Mas é certo.

Eu não vou tornar isto acessível. Peço-te que ames. Com um amor por ti desconhecido. Pelo menos enquanto estiveres a ler. Porque eu não peço um leitor, eu peço um amante.

Eu amo, juro-te que amo. Com a língua de fora e os olhos vidrados, prestes a receber. Fizeste alguma vez amor *a uma* criança?

É simples.

Eu peço.

Estou a tornar-me um cúmulo de horror sem pretensões, eu já não sei explicar nada. Sou carente, sou uma carência viva e cheia, prestes a explodir. Avanço no escuro, não me deixes só.

É preciso falar, para não perder a verdade que é viva, é preciso dizer alguma coisa. Cheia de medo, no desconhecido, é preciso devolver palavras ao mundo como filhos. Para que digam. Para que digam o nada. E desfazer tudo, para que nada fique, num acto irremediável de amor.

Quem não se pronuncia é morto.

(2)

Queria parar. Que tudo isto me abandonasse. Queria parar ao menos hoje. Amanhã. Ter um descanso deste amor, deste grito. Rir, rir, rir, até saciar-me no riso, no esgotamento. Queria que tu parasses de pedir que escreva, mas tu não paras. Queria ouvir: Já acabou. É suficiente. Abandona, meu amor. Mas há sempre mais, algo pode ficar e temo deixá-lo esquecido, temo não dizer toda a verdade.

(3)

E tu já tinhas dito que me calasse e eu não sabia. Vejo a minha boca aberta, os lábios ondulam, falam. Com esta boca pequena vou dizer tudo. Esta boca diz coisas terríveis, à noite, mas deixo-a falar. Tu pedes que me cale mas ela já não pára. Fala dos homens, do amor, das crianças. Fala do que é sempre impossível e ela vê. E ela, a boca, abre-se toda, com num grito ao contrário, para comer a imensidão que perfura o corpo por ser inalcançável. Mas não é uma boca conforme e, nessa escuridão, fala, como se soubesse o que está a dizer. E tu já tinhas pedido que me calasse e acordaste e disseste o meu nome e não reparaste que eu era uma criança, com as mãos abertas no escuro. Mas não tremia, não tinha medo, estava a dançar. Eu era uma criatura sem pais, cheia da graça da minha liberdade, e com as mãos olhava, para agarrar o mundo, e com a minha boca beijava, louca, desesperada. Beijava no vazio qualquer sinal de ti.

(4)

Diz o teu nome.

María.

Diz o teu nome.

María.

Di-lo outra vez.

María.

21/07/2012

O amor deixou-me nas trevas. Estou cega duma cegueira singular. Não sei. Deixo cair os dias sobre mim, como pedras. Ainda está claro, deve ser mais escuro sobre nós, ainda mais escuro. Uma totalidade. O nosso lugar há-de ser um inferno antes de saber. E chorar. Faltam lágrimas e gritos, sinto deles as sementes. A destruição abre-se em mim. Forte. Terei de matar, mas não sei bem o quê e não sei bem a quem. Suplico por uma perdição alcoólica. Não a quero sem ti. Sem te arrastar comigo falta-me a coragem para chegar lá. Dói-me a cabeça, o pescoço, as costas, queria um calor mais frutífero, mais cheio de medo, duma outra raiva. É preciso cair, eu sei, mas até quando, até onde que não seja a morte. Se me falas em quebrar um destino, penso em bater com a cabeça pequena na parede, no chão, para ficar tudo aberto, impune, cheio da sensualidade que é difícil suportar. Sou sensual, é a única maneira de abordar-me, de abordar-nos, loucos. É preciso chegar até ao limite dalguma coisa, abrir a fenda, arrancar os cabelos.

Devia beber alguma coisa, rociar-te de álcool e pegar-te fogo. Cheirar a tua carne queimada. Assim eu saberia alguma coisa. Não me falem de morte, eu sei o que a morte é. Eu sei, tenho testemunhas. Dói-me a cabeça. Tenho sede, é preciso beber alguma coisa. Que quer de mim deus? O que é que ele quer? Estou cansada, cheiro tanto a ti que desato a chorar, subitamente, e é como uma coisa que não se sabe mas cheira, cheira por dentro do corpo que agora é inacessível porque imenso. Abordar este corpo. Está tudo tão cheio da mesma coisa! Como é que vamos saber? Quero é vomitar-me, quero é vomitar-te a ti, mas ninguém quer saber, ninguém quer saber da solidão do conhecimento. Afinal, o conhecimento é a morte. É que ainda não sei. Não sei.

22/07/2012

Eu falo para ti. Eu falo para ti, não ouves? Se não ouves, privas-me dalguma coisa, negas-me. É escavar numa pedra com os seios, com os lábios e a língua. Eu queria falar e não ouves! Não sei o que vou dizer porque o que eu digo não se conhece, e é por ser

desconhecido que tem que ser dito. É uma fenda dentro de mim o que fala, brota dela alguma coisa que faz tremer os meus olhos e expõe a carne sem fechar. Eu queria falar, eu queria falar contigo como numa dança, falar assim sem saber o que vem a seguir e ter medo e uma alegria incontida. Eu queria dar-te o que não sei. O que sei é banal, é sem lágrima e sem grito, o que eu sei é apenas um saber minúsculo. Sofro de inalcançável. Quando fazemos amor, meu amor, o amor torna-se o inalcançável, o que vive sempre afastando-se. Mas o amor tem que ser dito.

Preciso outra vez de amar-te, já. Vou ouvir o som puro de ti, vou ouvi-lo. Estou vazia, perdi o que antes ia dizer. Agora não consigo ouvir os mortos, como hei-de então falar? Não falo se ninguém me fala a mim, hei-de manter vivas as fontes, tudo aberto, não me neguem as línguas. Isolada eu morro, como já antes morri. O vivo, se latente, não é vivo. Adiamento do começo. O vivo está cheio de fome e do medo dessa fome excessiva. O vivo há-de ser o amor. Sê-lo, como única alternativa à morte. Queria dormir e conseguir falar sem parar. Inconsciente, sem dor, falar. Se deus sofre quando fala, como hei-de falar sem dor?

Se eu peço alguma coisa, porque a não me hão-de dar?

Ergo-me para pedir sem vergonha. Peço, peço, peço. Olho para ti e peço, insolente, hei-de pedir. Estou aqui deitada. Um corpo que pede. Não me vou embora, não fugirei disto que peço. Quero o medo de pedir como quando te olho. Dá-mo, dá-mo. Não abandono, só quero ser vulnerável na acção de pedir, só quero ficar exposta no acto de pedir. Receber a dor. Tenho sede duma dor nobre.

Falar do quê? Já sentiste a alegria da perdição? Quero falar do que não se fala. O amor que se declara sábio morreu. O amor que se sabe a si próprio está morto. Cheios de amores mortos arrastam-se os que sabem. Eu não quero saber. Não é respostas que eu peço. Eu peço.

23/07/2012

Sou de areia. Se tento tocar-me, torno-me areia que se derrama infinitamente. Vejo a areia a jorrar por toda a eternidade. Na sua passagem incessante é como água mas não

é água. Jorro, seca e constante. Perdi os olhos húmidos e ágeis, não tenho mãos, sou assexuada e, no entanto, quanto desejo. A areia é o desejo que jorra. Como dizer, se já não tenho mãos, boca? Oiço o som da minha areia óssea que escapa de mim. Surdo, mas vivo. Fujo do meu desejo mas ele sou eu. Não fujo de mim se já não sou. O que é que eu sou, meu amor? Derramo-me entre os meus dedos. Prende um só grão de mim e serei salva, põe um só lábio neste avanço e terei os membros mais elásticos da terra, a língua curva que ama, que diz. Vou dizer. Espera. Brutalidade tosca e necessária. Entra o teu braço na minha garganta. Desce. Digo um grito e já não sei dizer, articular. Digo um grito e não me oiço. Vejo-me a dizer! Vejo-me a dizer! Diz-me o que estou a dizer! Peço-te para ouvires, sem súplica, com o mandato quente da que nasceu feita de autoridade mas sem eloquência. Devolve-me o dom da fala, da boca aberta, tu sabes que esse dom é meu. Dá-mo. Dá-mo porque eu peço.

Apareceste em mim para eu falar. Não te deixo ir, pertences-me. Pertenço-te: a minha fala é tua. Diz-me o que hei-de dizer. Come disto e diz. Sou apta, para o teu amor sou apta. Extraí de mim o que eu verto sobre os sexos incapazes, sobre os amantes ausentes e sobre deus. Hei-de falar com deus. Dá-mo, dá-me ao deus a quem hei-de falar. Vou falar-lhe doce mas segura, vou falar-lhe de lágrimas e punhos apertados. Vou falar com força. Deus, deus, eu não tenho medo de falar. Tu és meu. Quero de ti uma violência, o que é que tu queres de mim? Pede, eu digo: pede. Pede, meu amor, pede. Eu sou tão apta.

Rebento no desejo de dizer mas não digo. Mantem-me viva um desejo de ti, de todos, de tantas bocas abertas. É tudo tão simples. Eu quero falar mas ainda não sei. Estou a precisar de algo.

24/07/2012

Isto é morrer. Estou farta da autoconsciência. Quero não saber de mim. Ser um espanto, mudar o corpo. Morrer à fome, ficar doente, ter um filho. Arrasta-me até um perigo qualquer, meu amor. Isto é uma injustiça, odeio-me. Não sei o que hei-de fazer, não sei quem é deus, não sei porque não me matas. Nada do que é conhecido me

serve. Nada do que tantos anos de homens vivos e mortos deixaram cá, serve. Devia abandonar tudo, até o amor. Não amo nada nem a ninguém. Agora não. Não sei amar. Devia calar-me. Comer terra.

24/07/2012

Recuperei a força. Sem saber. Como se já nada importasse. Importa tudo. Sinto o destino. Forte. O destino não é uma direcção. O destino puxa até secar-me o sangue, mas sempre faz penetrar mais no corpo. Ele não me deixa.

26/07/2012

Incesto. Tú y yo somos incesto, salvajes humores recorren nuestro cuerpo.

Tengo la lengua rota, azul de tanta nobleza. Lamo tu lengua azul con insistencia. Desoigo los gritos de los puritanos, de los pobres de inteligencia, de los que no saben entender esta inmoralidad de hermanos.

6/08/2012

Já sou. Sou o egoísmo puro e a pequenez. Os pés, as mãos e as pernas, não chegam. Não quero ter um filho, não tomo conta de ninguém, sou quase incapaz. Nem quero um filho para comê-lo, nem para despedaçá-lo. A fome não é suficiente. Não sei desejar tanto. Desejar coisas nunca soube. Quero voltar ao desejo como meio, forma e fundo de mim. As infelicidades do mundo são dum tamanho ruim, não sei o que hei-de desejar no que é tão curto.

Achei que existia uma maneira de devorar-te, de quebrar este meu limite. Começo a descrer. Neste espaço estagnado, eu começo a descrer. Sou dum novo tamanho mesquinho e pequeno. Sou da altura da terra, arrasto as nádegas no chão por incapacidade. Vou inventar um desejo: não se inventa a beleza, a graça de deus. Quero uma faca, um medo atroz. Saber qual é o medo que me toca viver para pagar tanto

desejo. É preciso estar à altura, abrir os olhos, não ficar conforme.

A morte dos outros negou-se-me. Queria saber dos mortos, mas neste espaço ninguém fala. Ninguém fala para não sofrer o incómodo de ouvir. Calada, prefiro ser da altura da terra, desviar-me e nunca mais voltar a mim. Os que queriam que eu falasse já não querem mais. *Sou* viva de raiva de criança, com punhos e dentes miúdos apertados. Não olhem para mim! Vou bater nalgum que mereça tantos punhos. Se calhar vou só bater. Tenho o desejo de matar. Isso não cessa. Queria ver esses olhos a pedir clemência e então tirar uma vida: apagar a carne que só gera desperdício. Nego-me a ser um objecto que come. Estou cheia de ódio, isso sei, já é alguma coisa. Não consigo transformar, não quero transformar, nem sequer sei se é susceptível de tal coisa. O ódio. Não vou atormentar os meus filhos, antes prefiro que nasçam mortos.

Eu queria ser o máximo pecado e não estou a conseguir. Qual é a minha corrupção? Qual é a febre que nos pode salvar? Quero a coragem do amor cruel e aberto. Assustar-me, ficar em pânico, enfrentando deus. Queria os teus olhos em deus. Preciso do *tu* maior, preciso dum encontro com o teu *tu* gigante. Desejo.

Não vou pedir mais, é preciso encontrar outra estratégia menos confortável, pedir é para os que acreditam. Devo tentar a estratégia dos que andam sós. Vou ter a coragem de ferir? De trespassar? É preciso ser o louco que puxa a faca contra a sua garganta. É preciso ir ao encontro do que corta. Admito a minha inexperiência para além da linha, queria ter um mestre. Já estou a pedir, incauta. Preciso de ser mestre para saber como atrair a força da ameaça. Ter a coragem duma perdição maior. É preciso.

9/08/2012

Dói. O corpo. As veias. São curtas demais. Quem ousou cortar isto? Quem? Eu queria vingança, que alguém me devolvesse o que é meu: o comprimento e a largura. Dói-me o ouvido, de me ouvir por dentro, do martelar, daquilo que não brota. Enganei-me, não era aqui que eu queria estar porque eu queria estar em todo lado. Vou dançar. Mas sempre. Sem parar. Até á exaustão. Até ao transe dos mortos. Vou dançar e arrancar as palavras da minha cabeça, não as deixarei ecoar, serem voz. Vou atirá-las

pelos ouvidos fora, com o sangue e o nojo. Vou dançar até quase não ter fome, nem desejo, nem uma elaboração qualquer. Estou a chamar pela revelação mas ela não vem, não conheço de cor as orações. Inventá-las, como é que é? É mudar a linguagem, a forma de dizer até não reconhecer nada. É como dançar num limite e trespassá-lo, já não saber se se dança. Cair ou subir, é igual. Afasto-me. Afasto-me do amor para o poder tomar puro. Quero deitar tudo abaixo, corromper, não salvar nada, não ser indulgente com o que já foi. Quero viver numa revelação constante e chorar da dor da impossibilidade constante.

Eu queria tanto rir! Era só isso o que eu queria. Rir. Rir muito até chorar. Rir na presença dum morto é o que eu quero. Rir, porque então eu ia saber alguma coisa, ia olhá-lo tão absurdo, tão pesado, tão grande. Um dia eu ia rir nas bocas dos que amam o sagrado para ser a sua nova santa. Ia decepcioná-los tanto, haviam eles de rir tanto comigo! Rir de vergonha! Como doidos! Todos a rir! Íamos ficar todos nus, num frenesim selvagem, de puro prazer, de pura loucura inalcançável.

Eu queria um anel de sabedoria atravessado no coração para poder mostrá-lo a todos: Sou casada, já sou casada! E então tornar-me-ia intocável, como uma deusa vaidosa, orgulhosa dum servo. Tenho o coração apertado de ferro. Eu queria só salvá-lo mas acho que não posso, eu queria casá-lo bem (dou um bom dote!), mas acho que não posso, ele anda a escorregar das mãos do conhecimento como um louco. Ele só queria cair no chão, e rebolar e rir. Às vezes faz-me cócegas e fico tão apaixonada por ele que até sinto vontade de embalá-lo e lançá-lo pelos ares. Dou-to.

11/08/2012

Descubro que o que eu queria é transcender-me. Isto é, deixar de ser eu. Eu andei à procura dum homem com quem me ultrapassar, com quem ser o amor, e encontrei-te. Devia transcender-me através de ti como se tu fosses o meu cristo. Tu és. Através do teu corpo e do teu sangue eu devia deixar de ser. Eu devia através da tua carne conhecer a morte e ir para além dela. Como é que eu posso verter-nos no mundo? Substância sagrada.

Devemos ser um símbolo vivo. A metáfora viva anterior a qualquer metáfora. Preciso de ti.

Penso na tua virgindade. É por isso que tu foste eleito, que eu fui eleita. Únicos. Cheirei a tua pele e soube que tinha de limpá-la até chegar à tua inocência intacta. Não é fácil manter-se puro, selvagem no conhecimento. Quero um novo mundo. Um deus quase novo, parecido contigo. Quero criá-lo, ser uma hipérbole viva. Significado e significante não-de ser a mesma coisa. Vamos perder a mentira dada pelos argumentos. Vamos perder a defesa. É preciso desobedecer à distância, é preciso não explicar, não tornar o movimento um disfarce, uma estratégia. É preciso verter (num movimento espasmódico, explosivo, sem percurso) a substância do mundo, para ser o mundo. Vamos saber o que ainda não sabemos. É preciso.

Perco-me, fico exausta. Estou a precisar de carne. A tua. Pensar neste estado carente é um engano, uma mentira. Só posso pensar quando estou vibrante de ti, cheia da tua graça, quando volto a conhecer-te. Preciso de ti, mas não como um objecto. Preciso de ti como acção. Preciso que tu sejas a mesma acção que eu. Um vómito a dois. Uma verdade que é para sabermos juntos.

Quero que tu fales. Não és a minha inspiração nem o meu anjo, nem és objecto da minha piedade. Tu haverás de ser a metade da minha fala, hás-de falar com a tua boca e os teus mortos para sermos, tu e eu, senão eu continuarei a ser órfã. Negares-me a tua verdade é invalidar a minha, roubas-me a fala se tu não falas, faço-te responsável. Se tu me tomas, é para completar o que já começou, senão deixar-me-ás livre para me entregar a deus ou ao inferno. O nosso amor há-de ser titânico. Não me podes abandonar. Hás-de falar, hás-de dar-me o que é meu e eu dar-te-ei o que é teu. Devo falar de ti, daquilo que tu não sabes e que é preciso que comeces a saber. E fales. E mo ofereças em sacrifício.

Chegou o teu momento. Não lamberei as tuas feridas, abri-las-ei com os dentes. O que de ti sai é meu. Sofrerás a tortura e dar-me-ás o que aí encontrares. É meu, tu pertences-me e eu pertenço-te. A união não é completa. Quero sangue, o teu. Peço-te um acto religioso, peço-te a transcendência, não posso ter menos, e tu sabe-lo. Não me negues, meu amor. Negando-te a ti, negas-me, negamos a verdade. É doido quem

não escava. Sou tão sã que enlouqueço.

12/08/2012

O homem dentro do círculo. Vejo-te como o homem dentro do círculo invisível. Preso no espaço que encerra um círculo desenhado no solo. É um círculo minúsculo, de um metro de diâmetro. Minúsculo para o teu tamanho. Quem é que desenhou tal crueldade? Essa é a tua pergunta constante, a pergunta que pertence ao espaço dentro do círculo. A única pergunta possível lá dentro.

Está a agitação, a tua, dentro desse círculo. A agitação que não deixa cair a baba, que faz bater os dentes, que lança as células neuronais em frenesim suicida, que empurra em torrente sem saída o teu sangue contra as paredes das artérias. És o homem do círculo de giz. Cheio de correntes. És percorrido por ti e percorres-te dentro do círculo. Perguntas-te quem és tu dentro desse círculo. Essa pergunta esmaga tudo, qualquer possibilidade de presente. É uma pergunta como uma linha, como o limite que choca no corpo. És o homem que ainda tem que saber. Tem que saber disso que não sabe. E depois rir. Estás a buscar a salvação no lado oposto, estás a buscar a salvação dentro da linha à qual seres menos inteligentes que tu te reduziram. Inteligências sodomitas prostraram-te, nunca tiveste deus perto, é tempo de te vingares para seres. E depois rires.

És o homem que acha que avançou e não avança, que acha que viveu. Não pões ainda o pé de fora, não o pões apesar da raiva. Não és castigado, nunca foste, não há culpa para ti lá fora, estou só eu. Não acreditas, sei que ninguém te fez acreditar, e és só tu que podes, e és só tu que sabes como. Um acto de violência dentro do círculo não é um acto. Empurra-te a ti próprio para fora, como se tu não fosses tu. Porque, na verdade, tu não és tu, nem os teus actos, nem os teus passos dentro do círculo. Dizer tu é dizer um engano de ti. Tu és outra coisa inabarcável que está a chamar por ti. Chamo-te para apagar em ti as ideias de tantas inteligências menores.

Eu entro no círculo e abraço-te e dou-te a minha boca. Mas faço o nada e nada é o que posso fazer. A tua alegria há-de ser tua e eu só posso chamar por ti. Vem cá para fora,

vem. Dou-te o meu anseio de ti. Quero um presente que deseja tudo, não um futuro que deseja tudo. Eu quero já, não logo; logo é nada, é a morte. Tu sabe-lo bem. Sou meio grávida e meio bêbeda e tu não me completas, não te completas. Fora do círculo há a luz das perguntas todas. O medo e a alegria terríveis, húmidos. Virão os filhos do presente, os teus filhos, tudo o que vem de ti e que és tu. Ainda não cometeste o acto irremediável, não o fizeste. Hás-de-te criar num acto irremediável. Só conheces a dor dentro do círculo. A crueldade de fora é tão mais perigosa, infinita. Sangra, sensual. Eu olho para ti. Olho.

22/08/2012

Há revelações terríveis, muito maiores do que eu. Sou pequena. Eu sei mais do que consigo dizer. Prender em mim. Mata-me esta sabedoria. Prende-me. Tenho em mim um saber ininteligível, raio de deus! Que queres tu de mim? O terrível não é a inexistência de deus, o terrível é ele ser inalcançável. Deus nega-se-me. Estou furiosa. Clamo por um crime.

Deus separa-me de ti. Se eu fosse mortal, ainda conseguia ficar conforme com o que sei. Mas sou uma outra coisa, não vou explicar isso. Não sei. Saber de deus magoa-me. Dói como acreditar em mim. Deus é tão grande como eu sei, por isso ele derrama-se de inabarcável. Por isso furo-te a carne, por isso eu sou tão pequena, por isso mata-me este conhecimento que não consigo desentranhar. As palavras escorregam da minha boca. Escorregam os actos líquidos. Os pragmáticos querem que eu não acredite em deus e os solenes procuram que eu não acredite em nós, porque precisam da minha não-acção. Sobrevivência. A minha palavra destrói. Que estranha sabedoria é esta que não se pode dizer! Não sei como saber o amor! Sei que preciso de ti, corpo meu.

Tenho um calor horrível, uma cabeça virada do avesso, uma loucura crescente, tantas vozes em mim. Desejo fazer nada. Já fiz tudo. Quero olhar para ti e sentir a graça de deus. E libertar-me. Libertar-me dele através de ti.

26/08/2012

O acto do amor. O nosso acto, a nossa impúdica violência. Preciso deste amor em nós. Caiam sobre mim as quebras, penetrem-me os interstícios, as falhas e os caminhos ainda escuros por entre a floresta. Nós percorrendo-nos, nus. Lanço-me contra mim quando me lanço no teu corpo. Lutamos, minha besta. Luto para destruir-me em ti, contra a minha pequena consciência, para poder ser tu. Não fugirei desta luta, provoco-te.

Conheço através da acção violenta, porque nela desconheço.

O amor que não age que não tenha nome de amor. Livrai-me dessa náusea, desse mau gosto, sou tão delicada! O amor que não age será o avesso do amor, o seu oposto. Será o amor do enjoo e das pertenças, das ideias de si mesmo. Esse, que se sabe lúgubre, mortal no seu nascimento sem virilidade. Esse, que sobreviverá nas suas premissas mornas, para garantir a sua existência lânguida e mole. Ergo-me, de carne firme e de coragem. Mordo no teu pulso, amante, para ficarmos cruelmente acordados. Para sangrar, ávidos do que escorre, para desafiar a morte.

Vamos cortar pela raiz.

30/08/2012

Quando acordei estava morta. Eu. Achei que tinha morrido. Achei que ao acordar era a morte. Enquanto dormia, soube dos fios de sangue a escorregarem de mim, senti-os, quase quentes. Depois, sei que não estou morta, mas tento procurar o que é que faz a diferença. O que é que difere em mim da minha morte? Dessa minha morte que é minha por direito. Sou viva. Digo: viva, viva, viva. Dói-me não encontrar a diferença demolidora. É tudo uma confusão. A minha vida está tão fundo que não aflora. Dói-me olhar para ti e não saber como deixar correr o vivo de mim até ti, roubar o que é vivo de ti. Não quero estar morta. Dói-me não saber falar disto que é vivo como sangue. Tudo o resto são conversas. Não vou estar morta. Não vou repetir o olhar, não quero repetir a morte.

Queria escrever a uma mãe. Queria pedir-lhe um acto de coragem e a seguir fazer-lhe uma advertência. Queria intrometer-me. Constantemente. Um acto de violência. Ser sempre expulsa. Depois pensei que não, que não seria ouvida. Depois pensei que sim, que não serei eu a poupar a minha força. Depois desconheci outra vez os homens, não conheço a minha raça morta. Depois soube que eu era criança, é essa a minha raça. Depois chorei.

Olhei para ti e chorei. Comprovei que não estava morta. Senti o corpo a baloiçar sobre uma pedra, sinto-o. Achei que nada coagulou em ti e que o sangue corre. Vejo o sangue a correr dentro de ti e é preciso deitá-lo fora. Chorar será sangrar ou sangrar será chorar. Tremo porque a minha intimidade ainda não é exposta. Preciso vulnerar o que é íntimo em mim. Vulnerar o que é íntimo em ti. Não me protejo, dou-to, forço-me a isso. Forço-me: ponho as mãos dos outros dentro do meu ventre. Obrigo-os. Tento, neste acto, chegar. Hei-de perder o medo de encontrar aí uma pedra. Bem-vindas as pedras.

Eu quero *ser-me* viva. E na procura já sei da inutilidade disto. Não quero *ser-me* morta. Aceito a inutilidade, é a minha liberdade. O acto sem excesso não existe, só a violência do mesmo revela o seu ser, sem um sentido. O acto do amor é a coragem de sangrar-se a si próprio e cuspir o sangue na boca dos outros, cuspir-lhes a vida, banhá-los nela, fazê-los sentir medo e vertigens. Fazê-los verem-se por um momento e deixá-los trémulos. Estou aqui, podes bater em mim. Bate.

20/09/2012

Tenho um demónio dentro duma capacidade destrutiva descomunal. É o meu demónio. Sou imbecil. Não posso criar nada. Não sei. Só sei destruir. Destruo até as profecias. Destruo-as e invalido-as. Mortas. Profecias mortas. Despojos. A esperança é um acto profético, já não sei bem o que isso é. No entanto, tento escutar. Tento escutar o meu demónio, ao menos isso. Aborrece-me a vida que já está descoberta, que redundante. E para isso tanto ruído, tanto som, tanta fúria. Só não *posso*, volto a saber isso. O que é que eu estou a pedir de ti? Tão cheia de ingratidão estou. Tão cheia

de rancor para com os outros e para comigo porque eu quero estar sempre mais à frente. À frente de não sei o quê. E é assim que fico: só e cheia de rancor, neste espaço. Insatisfeita. Hei-de morrer assim. Porque haverei querer de estar sempre à frente. À frente dessa frente. Uma e outra vez.

5/10/2012

Assim avanço. Numa nuvem de ondas retrógradas que impedem o indizível, precisamente aquilo que é necessário dizer. O turbilhão é o mesmo: a força do que permanece não dito e a sua pugna por ser, duma vez, pronunciado e, portanto, morto. Eu não direi que te amo e, no entanto, como é possível não o dizer? Não permitirei que a vida roube o mistério. O mistério há-de ser a mesma vida. A tua inteligência permanece ainda intacta. Não serei eu quem a violentará. Adentrar-me-ei nela sem a corromper e tomá-la-ei nos meus braços, doce, quente, como sangue puro que se bebe uma única vez.

24/10/2012

Estou cheia de raiva, duma raiva gasta, não fecunda. Estou cansada de raivar. Raivar de ti, por ti, para ti. Ódio. Esmago-me. Esmago o ventre para ter uma vida razoável. Há gestos constantes que são o oposto do acto e, quando um acto pode acontecer, quando sinto a febre desse acto a roer-me, tu negas-mo. E falas-me de raiva. Eu é que raivo. E destruo-me, uma e outra vez, como tantas vezes. Se a vida que nos resta é a visível, a concordante, o desejo que já conhecemos, então escolho a raiva até esta conseguir matar-me. Tu temes a tua raiva, e assim, sem ela, queres amar. A minha raiva é tudo porque eu não a temo, eu quero-a. É simplesmente uma questão de escolha. Se eu quero escolher a raiva, então é raiva até à morte, até ao último assassinio da minha precária doçura.

Deixa-me o descontrolo e a cabeça louca e eu não saberei o que fazer deles, mas viverei. A tua violência é demasiado semelhante a si mesma, estática, porque não te feres? Porque não te abres em dois? Pega numa faca e descontrola-te, fá-lo. Já que

não queres amar, mata-te. É simples. Eu vou varrer-me a mim mesma daqui, vou varrer os meus pedaços odiosos, cheios de carne e de tanto desejo. Até tu me negas, então o que é que resta? Queres que voe mas sem te tocares; queres que expluda de beleza incontida mas sem furares com os dedos os teus membros; queres ser arrastado do teu lugar, arrasta-te comigo! Abre os olhos. Quero mais, e o resto é menos do que nada.

A tua violência é limpa, clara, exacta. É só tocar em ti, tocar com a calma tépida da verdade a brotar, e começas a transpirar e a tremer de raiva medonha, dum desconhecimento contido. Temes.

Não, tu não me amas. E negavas-me o teu sono, o pesadelo. Falta-te a coragem. Tens medo de ti. Duma libertação, do descontrolo que te arranque do chão, do dano. Abriram-se as portas todas e eu ascendi aos céus. O meu corpo cheio de estertores, um grito erótico que me feria tanto! Era o meu grito. E foi tão grande o riso! Apertava-me contra a imensidão. Então rebentei. Só os escolhidos puderam comer dos meus pedaços e até muitos que escreviam que me amavam, tiveram de ficar atrás, de olhos fechados pela dor, pelo nojo, pelo medo.

Dói-me o corpo todo, a infância. Hoje não consigo parar. Sem saber como amar, presa, oblíqua de sentidos, desbordante de formas. Uma bofetada. Estou nalgum limite. Sinto náuseas.

25/10/2012

Não. Sou terrível. A minha rebeldia diz-me que não posso deixar de sê-lo. Sei que não me equivoco contigo. Amo-te. Firo-me. Estamos no tempo de acordar a besta. A sua inteligência despudorada e a sua sensualidade próxima da morte acordarão. Estamos no tempo de ti: do meu homem.

Há violências que impedem a violência. A tua violência quer suprimir o teu ser sublime, a tua revelação. Tem medo. Foi tanto o dano! Na tua violência grávida, sempre prestes a explodir, ficas preso. Engoliste o dano dos fracos, direi na tua defesa. Não os protegerás! Terás de dizer aos outros a tua violência, já comeste as suas mágoas todas.

Não lhes poupes dor a eles, fá-los sofrer com a tua alegria sábia. Golpearás com a tua sabedoria e a tua loucura. Do golpe és o responsável.

Não. Não estou em erro. Eu sei porque um dia te vi. Porque vejo para além do que tu vês é que deverei esmagar-te. A tua violência não é violência, é controlo. É uma regulação de ti. Roubas-te do teu amor. Do meu. É por isso que te *dóis* a ti próprio. Vives a vida que está fora de ti e a outra permanece à espera, latente, numa respiração de fera ferida, rouca.

Quero ouvir de ti a criação do mundo. Quero a tua boca que se pronuncia para possuir o mundo, para me possuíres. Não há liberdade sem posse. Não em nós. Possuir e libertar, em nós, nunca serão opostos. Porque posse, em nós, é outra coisa. Posso tudo para destruir tudo, em simultâneo, como um acto de amor, única criação. Anseio por ti. Aguardo. Tens olhos tristes, cansados. Negas-te. Devoro-te.

29/10/2012

Já está. Já passou. A tempestade morreu, sinto-a morta e calma. Quando parou, eu ainda estava viva, a ternura salva. A crueldade serenou, já é um vestígio de mim, dessa outra força destrutora. Já não tenho frio e as mandíbulas não se apertam. Já não dói, o cérebro parou as frases de vingança. O meu amor instala-se como o inverno: penetra e um dia está aí. Aqui, em mim. Eu não sei quanto há-de durar. Entretanto, olho para ti. A tua beleza comove-me. És duma beleza pura. Um corpo. Uma cabeça. És criança. És o inalcançável do homem, um mistério. Eu não sou homem. Eu arranho-te para saber de ti. O homem é o maior de nós os dois. Assim o quero. Mas há homens que não sabem disso. Ou não querem saber. Eu devia fazer com que soubessem, obrigá-los. Arranhá-los. Eu não quero ser homem porque quero sentir a tua força e desfalecer. Comoves-me. Quero juntar ao homem esta minha força. Busco em ti a união sagrada das forças, procuro-te. O cérebro não cessa, apenas agora me pertence. Olho desesperadamente.

Nesta procura, perco-me cheia de ti e cheia de mim. Quando desbordo de mim eu sou cega. A incompreensão da minha força leva-me ao limite dalgum inferno. E, no

entanto, sei. Mas às vezes o pensamento é mais rápido do que eu, o cérebro maior, o ódio mais forte. Excedo-me nesse estado lunático, febril. Hostil e doce a um tempo. Quando me perfuro neste estado e alcanço um outro lado, ergo-me perante ti com a insolência dum morto: Ninguém me vai derrubar porque eu já caí, peço-te para caminhares sobre mim enquanto rio, peço-te que me grites e me batas. Na doçura da perda, na água dela, eu sinto-me à vontade. E posso cuspir, e raivar, e já não amar nada. Jogo morta e é assim que ganho, pois eu sei que *sou* viva graças a ti. É este amor que me faz sair daí, como o inverno. Tu ofereces-me, sem saberes, o prazer do desespero e da quebra. Eu uso-te. Impunemente. Obscenamente. Eu amo-te. Sou terrível. E pequena. *Quiero jugármelo todo*. Sou consciente. É assim que ganho a minha liberdade.

Fico confusa. Sou inofensiva até para ti, porque hei-de falar tão alto? Eu sou pequena. Mas digo palavras grandes e no imediato desfaço tudo. A palavra dita contém a palavra desfeita, caso contrário nunca será palavra. É assim: tudo parece alterável, mas é para escavar constantemente esse algo que não é. E, no entanto, muda. Numa mudança verdadeira, essencial. É como se a verdade nunca pudesse ficar em pé, não devesse, e estivesse sempre ébria, arrastando-se na permanência do destroço. A cada segundo, sabendo. A cada segundo, sendo. Mas se calhar não é ela que muda. Não é ela que precisa de mudar. Afinal, o que é que ela é? Sou eu que devo ser mais rápida, mais insatisfeita e mais suicida, para poder tocar-lhe em todo lado, para depois descobrir outros lados, para cada lado ser o mesmo lado e não haver lados, e não haver partes, e a perseguição ser o fim último, a incerteza e, no entanto, não ser isso o que passa, neste instante, por mim. O que é que ela é? Tenho uma calma móvel, uma sabedoria suave que se expande. Que ninguém perturbe isto, apenas tu, porque isto que agora sei é tanto teu como meu, e eu sei disto porque é teu e, agora, neste momento atemporal, tão vivo como a morte, tão desperto, isto, isto que eu sou, não difere de ti e arrasta-me. É como tornar-se louco. É como ser louco. É ser louco.

Afinal saber é não saber coisa alguma. E tremer. No desconhecido abrir muito os olhos, como se por eles estivesse a respirar; como se quisesse abranger o mundo com as pálpebras e sentir a excitação do que por eles entra e me derruba. Sou derrubada. Tenho na pele um som que não conheço e não faço distinção entre todos os órgãos que são meus, pulmões, útero, coração, cérebro. Todos acabarão por ficar abertos e expostos, com o sangue ainda fresco a gotejar.

Estou a alcançar um estado de despudor que é quase como nascer, porque carece da voluptuosidade que foi crescendo em mim, essa que se alimentou do que fui vertendo, do meu derramamento. Este despudor é inocente de doçura e sensualidade, porque ele não sabe, e desafia o desejo que se culpa de desejar amar uma criança. Descubro que o meu desejo e o teu desejo de mim são o mesmo. É uma marca de nascença. Veio o desejo antes de eu nascer, como uma onda, e completou-se no meu nascimento, foi parar ao meu corpo. Eu tive de me habituar a ele, tive de dar-lhe os órgãos. Tudo o que se colou a mim é impostura, nem sequer, é apenas excesso numa cabeça, numas pernas, nestas mãos. Porque eu quero saber o que já sei, então excedo-me. Tudo o que sai de mim, afoga-me. Hoje estou quase limpa, quase prestes a nascer.

Eu sempre quis descobrir alguma coisa, escavar na terra e deixar a história vir a mim para saber. Queria uma descoberta, uma revelação. O que precedia deus e o próprio deus igualavam-se aos meus olhos. Igualam-se. A história era deus no meu anseio de descobrir. Não errei, mas descobro que essa terra *foi* sempre eu. Sou tu e sou deus, e sou a criatura que está prestes a nascer e que se expõe. Torpe e trémula, em constante convalescença de mim, tão cheia de saúde, húmida.

4/11/2012

Então era isso, vivamos uma vida mortal! Sejamos mortais! Quero rir disto que digo. Não sei o que significa, em mim, a morte. Eu não conheço a morte. Sempre viva, porém com o receio de sê-lo, sabendo-me obscena, sempre prestes a explodir. O despudor vai avançando em mim, e quero dele que seja imparável, quero a sua vitória. Abre cortes em lugares desconhecidos disto, derruba-me. Espio-me devagar como

quando era criança. Para saber como é que eu devia viver, eu espiava-me: os meus pensamentos devoravam-me, uma outra vida.

Não sei, o vinho é bom, este vinho é bom, doce, quente, como uma queda, como um desejo que arredonda a sua forma e pule tantos ângulos incertos, tantos pequenos freios, esquinas, freios. Eu ainda não sei, pressinto a forma do que não tem o mínimo freio, aquilo que é fluído até não ser mais coisa alguma. Em seguida, algo se interrompe. E esse algo que é a interrupção e também o que havia antes dela, eu não sei bem como enfrentá-lo ou como deixá-lo passar. A coisa em si é uma coisa interrompida. Ela não conhece o que haveria de vir se não houvesse isso que a detém.

O meu corpo anda preso em si mesmo. O limite dele não sou eu, és tu, é o teu corpo e, no entanto, é através dele que se pode libertar. Tremo, levada por não sei quais anjos, suspensão de mim, segurada por tantas cordas fracas. Fico no ar, tanta carne no ar é inconcebível, é um desafio ao meu próprio ser, a este amor tão grande. A cabeça pendurada na nuca, o peso dos ossos tão óbvio, o cheiro tão perdido, esparso, tão rouco, tão inconstante. Não vou dormir, não, apenas direi as minhas orações. Não, não, eu não digo nada, juro, são apenas elas que vêm a mim. Queria falar a todos, tanto, sonho com um despudor tal, uma tal coragem, com a abertura que nunca mais é fechada. Sim, já sei, também é preciso viver, e os outros já nunca mais nos amam, e temem, e não compreendem tanta desesperação. Eu sou desesperada, nasci assim. O que eu queria é que se abrissem, como frutos loucos, que se abrissem todos eles em mim. Queria conseguir falar nisto, desvendar uma outra eloquência. Que estranha profusão de palavras, não sei, não sei quem fala. Apenas estou a arranhar o que não sei, apenas toco isto, aperto-me, acaricio-me, não tenho tantas mãos, estou perdida.

Não, não, embriago-me. Eu não quero embriagar-me para fugir de ti, não vês? O meu rancor é inocente, pueril. Chamo-te. Não ouves. Chamo-te mais alto, mais dentro. Ouves só a minha desesperação mas não queres adivinhar o que está nela. Vem. Vem aqui. De cócoras. Beija-me. Toca-me. Fala-me. Pronuncia o que em pé não pode ser dito, bebe o vinho todo, diz o que não sabias dizer, o que antes de mim tu não sabias. Toca-me, ri-te de tanta vastidão, impossível, inabarcável. É deus que me faz chorar, mas só um bocadinho, e não consigo dizer-te as palavras certas. Apenas ouves, mas

deus é tão tenro que me faz continuar assim, sentada neste cântico que eu deixo ir até ti, já não como uma súplica mas como uma mão que se adentra no teu peito, num incidente inesperado, e que depois não sabe como sair, e anda perdida, cheia de sangue, e é tão pequena, já toda dedos, já toda língua que passeia em ti, e nada agarra, e nada destroça, e volta inocente até a minha boca, e eu não a reconheço.

Apesar de me saber eu não me reconheço. A minha consciência é tão maior do que eu. Sou consciente de mim porque é através de mim que *sou* viva. Mas sei apenas do corpo, dos membros, dos órgãos. E até estes são indefinidos, tantas vezes estranhos. De resto não sei, não sei reconhecer-me. Reconheço em mim o que não tem nome: só uma sensação, um instinto de mim. É calma esta escuridão de hoje, é quase uma oferenda que recebo: saber que eu não me sei. Isso é como saber-me viva. Abalem-me os sábios: eu não me sei.

María. E há uma resposta, como uma praia, um espaço, um som. Sou a praia e sou aquela que está aí, e sou um pensamento que não é meu, e o vento, e as minhas pernas como outras, mais jovens, sempre mais jovens do que eu. Não sou uma idade, mas, sim, sou um corpo, e sempre tenho o mesmo corpo, sempre. E bebo. E, agora, estou só. Não, não, não vou dormir, não durmo, a oração que venha a mim como um prenúncio de lágrimas, como essa força que as precede e as contém, como essa corda que se entesa suave, que alguém puxa e nos devolve em vibração e nos traz uma oração reverberando, e é intensa. É intensa essa mão que se adentrou no nosso peito, e que veio inesperada mas é reconhecível, miúda, a minha mão distante, essa que foge e que, quando alguém a lança, volta a mim.

5/11/2012

Leio esta outra minha língua que fala, a minha língua escapou-se de mim e eu já não sei mais dizer a proximidade das coisas. Eu já não sei *falar* as coisas, é esse o meu maior impedimento e a minha suprema bênção. Eu amo-te: resumo da minha vida toda. Resumo também da minha morte. Fim último de mim: tu.

Sou tão pequena, apenas começo a amar e, no entanto, amo totalmente,

totalitariamente. Eu sei isso, sei do meu amor total, tão raro. Também sei desta inutilidade. É por isso que padeço desta ânsia. Espanta-me esta inexperiência e esta febre, mas é deste espanto que eu estou tão satisfeita, cheia do nosso orgulho. Cabe-me nas mãos o teu corpo todo. Eu não me precipito mais, juro. Vou levar pancada, eu sei. No rabo, podes bater. E até beliscar. Morder, também é bom. Eu queria, veementemente, morder, docemente mas com o vislumbre do sangue, na boca, nos lábios, nas pálpebras até, e na garganta. Eu queria também morder os teus dedos, quase comê-los, e pôr as tuas mãos, inteiras, dentro da minha boca. E para além até. E no além até. Não me importo já com o resto, viverei assim: no prazer da mordida do teu corpo. Sei que tu aceitas. Antes já aceitaste.

9/11/2012

Tão cheia de perguntas de ti. Perguntas para cravar em ti. Às vezes esqueço até o amor. O que prevalece perante qualquer esquecimento, e há-de prevalecer, é que eu sei que amo. Amo. Isso é fatal, não inquestionável, mas fatal. Pergunto. Tenho de perguntar tudo e arrancar tudo. É preciso desfazer cada engano, pretérito, presente, e não temo saber, anseio por esta minha sabedoria. Eu quero acordar em ti não sei que demónios do conhecimento, não sei que demónios destruidores. Quero a morte, sim, a definitiva morte, preferível a, de ti, qualquer mentira. E as mentiras que não sabes, essas, é preciso sabê-las. Abri-las. Que caia a minha vida, ou a tua, sobre mim e que me esmague, nada haverá que limpar. Ferida sob os restos mortos, me levantarei nova e te procurarei, já te procuro. Sinto-me jovem, recobrada da vida que foi mortal. Recuperada das tentativas. Sinto a visão apoderar-se do meu olho e prestes a atravessar-te. Não sei, eu queria que visses como eu, que fosses eu, queria que entrasses aqui, no meu corpo, sem tu saberes e, na liberdade de ser uma outra forma, fora dos pressupostos que se aderiram à tua carne cheia de vontade, conseguisses ser o monstro destrutor, atingisses uma revelação. Quero que te alcances a ti. Haverás de ser, para ti, irreconhecível.

Haverei de ferir-te? Terei de usar a minha crueldade? Terei, se esses são os meios. Eu sei, ergo-me mestre, cheia de inconsciência, de soberba. Estou a usar a sabedoria que

precariamente aparece e me faz duvidar da minha loucura. É o que tenho, é o que já começo a ser e não posso perder. Porei esta sabedoria em ti, como quem se diz louco e se entrega, impúdico. Eu queria apenas enterrar a minha mão na carne sem causar nem sentir dor, mas isso não posso prever. Nego-me a prever, pois ando a procurar um acto. Inevitavelmente, como a raiva e o desespero perdem-se no seu próprio instinto, perco-me outra vez no que não sei. Mas em seguida sei. Peço-te para que abrases este conhecimento e o pervertas em ti. Perverte o meu amor para o teu proveito. Eu peço.

9/11/2012

Chegar a este vazio, não ter nada a contar, apenas esta fúria que quer matar o sono, a doce falsidade. Eu não compreendo este desejo mas deixo-me ir, arrasto-me levada pelo anseio de arrancar, e de matar, de o penetrar todo.

9/11/2012

Afinal estou morta, era isso. E ninguém, neste instante, pode negar-mo porque ninguém tem provas do contrário. De que eu esteja viva ninguém tem provas, nem sequer eu. Sei que sou só a carência de qualquer indício. Ser sempre a primeira a saber deixava-me exausta, pedia por uma alegria obtusa. Eu sou uma criança atenta. Eu queria que alguém soubesse, mais do que eu própria, deste desejo, do que é vivo em mim e tem que ser dito, e assim me devolvesse o que é meu. É solitário estar aqui, apesar do amor. Devido ao amor. Porque o dito devia ser o amor e o amor devia ser o que é dito, e eu devia ser capaz dalguma proeza maior para nós, mas hoje sinto-me fraca, espalhada por aí, não compacta nos nervos nem no sangue, diluída, atenuada de mim. Preciso dum milagre. Peço para que tu te concentres em mim, que tenhas a súbita emoção da minha existência, que quase morras de saber-me. Estou a uivar. Tu que me amas, escava-me sem piedade, diz do meu bem e do meu mal, sabe do dano que sou e devolve-me o dano, a tua maldade. Eu quero saber como é que amo em ti, como sou o amor em ti, como sou o teu ódio. Peço qualquer humidade, mínima.

Eu sei que há quem me ama nos olhos, e no sorriso. Também há quem me ame nos

dentos. Eu sei como subitamente há o amor e, com ele, o medo. E em seguida a porta que se fecha, a intimidade restaurada até à próxima semana e os nomes apagados, desconhecidos. Mas o amor deu-se, aconteceu, apesar da brevidade e da distância. E quase me deixei amar, tímida, envolta em tantos braços meus, em tantas pernas. Mostro todas as minhas estratégias, e então esqueço qual é a forma dos meus olhos. O corpo virou-se-me, a cabeça rodou. Devolvam-me os meus pedaços, é preciso que caminhe até casa, o meu amor está à minha espera, e sem pés não ando, para já, não consigo. Amor, entrego-me a ti descomposta, feita um outro corpo estranho. Faz o que puderes, confio-me a ti. Agora devias beber-me ou dar-te um banho de mim. Presto-me a qualquer cerimonial.

10/11/2012

Eu sei, não há amor que resista a uma análise, como não há vida que resista a uma análise. Vivo é desconcertante, sangrante. Eu devia deixar de fazer perguntas e simplesmente saber, porque só sabe quem sabe, e quem nunca sabe nunca vai saber. Sofro dessa outra coisa tosca. Sofro dessa outra coisa que destrói, a que é capaz de desfazer seja lá o que for: a ânsia, a força descomunal. Eu sou de amor, sou o amor, eu amo. Na minha insana obsessão, perco-o de tanto procurá-lo. De tanto procurar nos olhos, nas fontes, nos nascimentos, de testar a sua consistência até negar a sua maleabilidade e a sua multiplicidade, perco-o porque o desfaço. Eu sei que amor não é constante, nem um estado, não é contínuo. O que é vivo não é representável. Nem é coisa para experimentar. O que é vivo é vivo, impossível a sua redutibilidade. Falso ídolo, quando perseguido por farsantes, cura dos incapazes, ideia dos fracos. Por venerado e raro, por célebre, por incontestável, ele é multiplicado. Falsificações proliferam em corpos pobres. Os corpos que o esperam são covardes.

Amar é provar na carne a extrema destruição. A negação máxima, o corte acutilante. A sua única luz é a cruel evidência do incomensurável, do inalcançável. O maxilar superior separa-se do inferior eternamente, a boca desencaixada, nada a dizer. Aberto fica o espaço da impossibilidade e em redor só pontos vácuos de amor, espaços vácuos de nós, tempo inabitável. Vivos, cruéis, vorazes, exaustos, amantes. Já nunca mais

parar. Amor não é piedade, nem caridade, o amor foge da santidade. O amor não é natural. O amor aniquila as ideias todas. Por princípio ninguém ama, estúpida generalidade. Breves e infames são os capazes. Ele não se sabe dizer. É um grito, um som inaceitável. Deixa-nos a sós, e quebra os ossos e exhibe a nossa carne, deixa-nos sempre íntimos, descuidados. Íntimos até já não sabermos como é que somos, como é que conseguimos ser. Orgulhosos e órfãos, insignificantes, acordados para uma outra sensibilidade, quase irmã da certeza que ganharam os mortos. Mas viva, tão viva. Aberrante.

10/11/2012

Sinto que posso cair facilmente no poço do eu, mas em seguida não sei como é que hei-de sair. Quando já não me distingo do resto, quando eu sou todo o resto que não é eu, sobrevém a tépida sabedoria de que eu é nada. E quando sei isso, no fim, entro na posse de mim, na consciência disparatada desta insignificante significância. Sem este saber eu não sou nada, só poderei agir atingido este ponto. Sou responsável, ou irresponsável, disto. Mas não há nada para agir, isso é o desconcertante. E este desconcerto é voluptuoso, insolente. Só há o súbito ganho, o súbito amor, e os imutáveis punhos, e a infância, a boca, e o teu pénis que deixa ver toda a nossa inocência, que é de nós, a nossa força inesperada.

Eu roubo-te a tua inocência. Não. Eu tento dar-te a minha inocência. Queria tomar o teu pénis entre as minhas mãos e cuidá-lo tanto. Tu não és para ser cuidado, mas a ele posso beijá-lo no meu desespero de amor. Que ninguém o magoe! Que ninguém te magoe aí! Eu vou adorar-te quando pões as mãos sobre ele, quando puxas dele, quando o acomodas. Orgulho-me de saber que ele está sempre aí, e que é meu, e que é a primeira vez que ele *se sabe de alguém*, eu sei, porque é nascente a sua entrega. Ele é meu porque o faço meu: dou-lhe tudo, entrego-me a ele.

Não sei quais são as coisas grandes e quais é que são as coisas pequenas. Desentendida, irresponsável, irreverente, não sei o que é que precisa de mais dedicação. Eu queria perder a forma no vinho, nas bocas, no amor. É preciso

perdermo-nos, lamber-nos. A minha boca desfigura-se, perde a sua fisiologia, é boca, adentra-se no mistério. A minha boca é o meu sexo. É o meu corpo todo que pede, que está perdido, informe, confuso. Eu não sei bem como chamá-lo, a ele, ao meu sexo. Como denominar este amor com um nome? Não sei fazê-lo definido, limitado. Não é uma parte de mim, não é um órgão, como tratá-lo então? Como dar-to? Como pousar nele as mãos se é desconhecido, se foge? Se é como eu, que fujo, e com a incompreensão me faço maior? Mas eu não sou nem mais nem menos do que ele, somos os dois a mesma coisa, e assim espalho-me, transportada, sempre à procura, e vou até ti, como nascendo, e rebentamos juntos, tu e eu, e somos masculino e em nada diferimos. E somos masculino, somos o nosso filho, como eu sempre fui, como sempre fui o nosso filho, sempre nascendo, sempre nascendo em ti, até ti.

É preciso ouvirmo-nos com ternura, somos um novo nós, uma exageração, um todo irreduzível. Eu quero saber do desejo do mundo, da sua força inexplicável, do medo que se inverte. Eu quero saber do desejo dos outros, cru, sem enfeites, e que eles queiram dar-mo, que percam a vergonha. Desejo libertado, único, fonte dum homem, insípida verdade, morte do engrandecimento. De que é que os corpos são feitos? Que se ouve no seu sangue? Os corpos automáticos, os corpos analíticos, os corpos preservados são minguados. Falsos e minguados. Franqueza no desejo é o que eu peço. Os que se sabem fracos, proclamem-se fracos. Os que se sabem estéreis, digam-no. Rejeito os argumentos, peço de ti a tua vida, perdi a medida da delicadeza certa, não quero ficar curta. Eu sou uma torrente e tanta vibração aleija-me. O mínimo freio fere-me. Aperta-me a carne. Quero o intacto, o que brota, o que, *detido*, deixa de ser. Quero o que não se pode saber, para sabê-lo. Não tenho nada. Não sou nada. Canso-me. Sou demasiado densa, sou demasiado densa, sou demasiado densa. Quero concentrar tudo. Queria ser mais leviana, descansar.

14/11/2012

O que tinha escrito desapareceu. Desapareceu a minha mãe e a sua loucura, desapareceu o azul que descrevi, e a indolência dela. O meu pai estava morto e ela encerrada, uma doida, o meu irmão era pequeno, vivia em silêncio, eu tinha-o abandonado antes do momento certo. Havia umas escadas de madeira e o meu gato passeava nelas. A minha mãe era sábia porque perdeu tudo, falava de ser livre, de esperar para escapar. Ela sabia que havia de esperar. Eu sempre abandonei tudo mas foi por uma espécie de amor àquilo que abandonava, também por uma espécie de medo de ficar presa. Eu desbastei tanto a mentira que, às vezes, atinjo, sem querer, a verdade, e faço-lhe mal, faço-a sangrar. Já fiz chorar os fortes. E chorei. Eu sei, ter que se questionar a própria pureza é um absurdo, e fere. Porém, o mais cruel é saber da impureza dos impuros e da sua incapacidade para tal *vivo* questionamento. Eu sei, eu também posso estar enganada, e enganar.

No que antes escrevi, dizia que eu era responsável pela vulgaridade à minha volta. Eu dizia isso antes, nas palavras de antes que já não estão, que desapareceram. Sei que te chamei de meu amor e que te disse que me gastei, que hoje estava gasta. Eu pensei num filho. Não desejo um filho que é triste. Porém, eu devia estar a pensar em mim porque eu não sei o que é ser a mãe do nosso filho, nem sei da sua tristeza. Eu não quero ser um filho que é triste, e vieram-me lembranças grandiosas, profundas. Eu era um coração. São. Só dorido na sua felicidade, na sua incongruência. É difícil pedir que aceitem tudo. Enquanto eu guardei a minha necessidade de pedir, tudo correu bem. Mas é que um dia eu tive de pedir, foi preciso porque eu amei, amava, e já tudo desbordava. E então pedi, sem palavras, sempre sem palavras, eu pedi. Guardei até o cheiro da erva, e a noite sobre mim, e deus. Depois eu pedi sem palavras que cheirassem a erva, e a chuva, e a noite, e todo o *deus* que tinha em mim a borbulhar. Eu sei, eu pedia demasiado e o céu partiu-se, caíam os vidros com uma violência limpa. Cortavam tanto que até dava prazer. Um prazer único.

Um dia caí no chão aos pés de alguém. A incompreensão abateu-me aos seus pés, uma incompreensão livre de causas, tão vasta como o céu. Uma incompreensão que era a

minha própria incompreensão, uma pergunta minha que me reclamava. E eu estava no chão, perdida, e gritava sem dizer palavras, apenas soava o medo a sair da garganta. Eu morta de mim mesma sem palavras para me explicar. Aliás, eu não sabia como isso se dizia, como é que eu podia dizer aquilo aos outros, se a ele já não podia, se nunca pude, e eu desesperava e endoidecia. Eu quis poupar-vos, mãe, pai, irmão, do meu escuro, porque esse escuro que não tinha palavras era doloroso por ser incompreensível, e a ele já não podia falar-lhe, e nunca pude, porque eu quebrei um limite, e já não podia voltar, e não sabia e não queria. Eu quis sempre ir mais longe, para compreender. E os vidros caíam sobre mim como facas mas eu continuava em pé, cheia de sangue, como uma santa. Uma santa ridícula, que, sem pernas, arrastava a sua força e não queria saber de piedade. Queria compreender. E compreender é só para os fortes.

20/11/2012

Eu vou dizer que às vezes a vida é só vida, mas eu não sei bem o que isso é. Porque apesar de eu estar viva aqui, eu estou muito mais viva noutra sítio, só que hoje não me atinjo. Não sei se alguma vez me atinjo. Quando algo se atinge, explode, e nesse instante estão os pedaços todos, ó meu deus! Sim, sim, é o massacre que nos faz saber. Quando o sangue e a baba são a mesma coisa, então eu sei. Saber não é um verbo transitivo. Quem sabe nunca poderá dizer que sabe coisa alguma. Saber é um espaço, um oco aberto por onde tudo entra e sai. Saber é deixar correr. Saber é uma liberdade. E um medo. É o medo. O medo vem daquilo que se sabe, porque não se pode saber coisa alguma. Saber é saber da impossibilidade. Quando não se pode saber, e não se sabe como saber, então dói. Dói a dor que é dor, não a dor que deriva dos factos. O incompreensível é uma liberdade. Então sobra tudo, transborda, cai pelo chão. Dá vontade de rir. Estou a rejeitar a dor, ando-me a poupar para sangrias mais extremas.

Tenho medo de perder a capacidade de falar. Todo este excesso, não sei bem aonde pô-lo. Esta língua está a ficar paralisada, está a perder a fala viva. A falta de

reciprocidade deixar-me-á muda. Ninguém fala, os objectos não falam, não tenho lembranças, as palavras não falam, deus não fala. Fiquei surda. Ficaram mudos. Era melhor ficar assim e só vomitar de vez em quando, como um torrente, para limpar tudo o que me excede. Estar ausente não é mais que um modo de falar, porque é nessa procura da fala que se fala. Mas até na ausência é preciso falar, não sei bem como. Falar é quando tu ouves e também falas e assim eu também oiço. Abre-se a carne. E então amamo-nos. Antes não. Não há amor sem isto, já não oiço o amor. Amar é uma liberdade. E um medo. É o medo. Não, amar não é reconhecimento, amar é a possibilidade da fala. E a fala há-de ser sempre o desconhecido. Falar é quando se atinge o que não se sabe e, nessa impossibilidade, lutamos para dizer o que não existe para ser dito. É cometer um crime. É o sangue a subir do estômago como lava ascendente, imparável, prenúncio de morte.

Eu caminho no limite da boca da terra: entre o abismo da garganta e a sensualidade dos dentes, os lábios, a língua. Falar é a dor maior. É o amor.

24/11/2012

Sou ridícula. Estar tão afastada da vida que fazem os outros evidencia que sou ridícula. Tentar falar aos outros faz-me sentir ridícula, doida. Ficar perplexa e manter-me assim é ridículo porque me lança para fora de tudo. Que sei eu? Que sei? Mas às vezes sou possuída pelo desejo de fazer compreender, de trespassar tudo, e é essa a verdadeira essência do meu ridículo. Mas este saber-me ridícula não me mingua e nada tem a ver com o julgamento dos outros. Este ridículo é uma notável verdade de mim, desde sempre, da minha tentativa de explodir. Existo no meu ridículo, sem ele eu não existiria. Ele não é mais do que a prova da minha excisão, do meu afastamento. É o pueril desejo da acção que me faça penetrar dentro de ti para fazer-te perceber algo que eu nem sequer sei o que é, mas que quer eliminar toda a mentira, todo o pequeno engano. Não tenho língua, não tenho, faltam-me meios. Choro, absurda, e queria partir a cara contra os vidros e mostrar as minhas faces desfeitas, cortadas, as mãos pequenas a sustarem os pedaços de carne com regozijo, num êxtase tão estranho, de

dor superior e de ternura. Eu sinto ternura por mim, sou tão ridícula, é mesmo para rir e para amar, de puro esgotamento de justiça.

Não tenho a língua nem tenho as mãos, começo a pensar que me falta a força, que estou a enfraquecer, que já não sou nova. Vejo-me velha e estéril, vejo-me como sou: vazia, num corpo irreverente que hoje está fatigado, prévio, póstumo.

27/11/2012

Releio. Tudo o que escrevi não resiste ao olhar que tenho neste instante. Tudo o que é pretérito em mim é mentira. Quer isso dizer que a minha verdade não tem futuro, morre no próximo instante. Nada pode ser melhorado ou prolongado, a continuidade só acontece no já. Mas eu quero acreditar que no já vou encontrar a eternidade, embora meu corpo não resista. Estou exausta. De reler as minhas imbecilidades.

Será que eu própria não resisto a uma revisão? Não tenho medo deste pressuposto. Sinto-me com sono. É tudo.

4/12/2012

A intensidade do sonho entre vigílias extasia-me. Agulhas. Agulhas a espalharem-se no chão com um tilintar fresco. Agulhas que pareciam ser tão vivas! A intensidade acompanha-me neste dia todo, a intensidade que veio do sonho. Perguntei-te alguma coisa, nesta noite, e ao perguntar abri algum abismo e caí nele. Depois, não consegui sair daí e não dormi. Ou dormi através desse abismo, já que sonhei. É certo que não conseguia bem tocar-te, no mau sono, porque uma tensão tinha ficado suspensa, um fio a precisar de inúmeras agulhas.

Devia brotar de mim alguma coisa. Não estou triste. Mas permaneço nesse abismo, na sensação dele, e não sei como dizê-lo. Hoje é um dos dias em que os gestos, tudo o

que é feito, não correspondem com o que me perturba. Não encontro o furo por onde isto possa sair. É preciso um acto maior, e não um gesto, algo que me abra, mas não quero procurá-lo com a vontade. Vou esperar, ainda não acabou o dia. Uma crença, uma picada de algo como fé na barriga.

5/12/2012

É tudo duma natureza tão delicada! A vida. O vivo. O conhecimento é delicado. Apenas uma leve pressão a mais e desaparece, torna-se grotesca, torna-se um comentário de si própria, uma presunção superficial de vida. A vida não é para todos. Há os que pressupõem que vivem, como os que pressupõem que sentem, a fazer drama. Há também os que pressupõem que sabem. E há os que pressupõem que amam. Todos têm grandes nomes pelos que se tornam vis e me torturam.

É tão delicada a membrana que separa a vida do seu oposto! É preciso entrar aí para saber. Também para amar é preciso *ser vivo*. Engana-se aquele que sofre porque a vida o fere. Engana-se quem diz que sofre por amor. A vida é tão suave, tão profundamente imperceptível que não pode magoar. O que dói é saber isso: ver como escapa, como se filtra através de nós e vai, livre. Acontece assim com o amor. Há quem não o tem: quem não nasceu com ele, quem não é capaz. Quem carece da possibilidade de amar e toma o sofrimento como o seu substituto. Ele sabe-se inútil no amor mas a negação dessa incapacidade empurra-o a buscar culpados da sua pequenez em outros *amados*. E é porque a sua incapacidade o constitui, e é a sua essência, que esse rancor vivo o mantém acordado, alerta, para não ter que saber da sua insignificância. Porque há seres que são insignificantes e isso deus sempre o soube. E assim a vida escapa, para os incapazes, cheia de vítimas e cheia de culpados, de acusações e lamentações. Eu sou cheia de graça. De amor. Não quero que me toque nenhuma vileza.

Amar dói porque é a pura destruição do mundo, o puro conhecimento. É um súbito adentrar-nos no vivo para não reconhecer nada. Só para estar aí e ser, num raro não sei quê que se nos apresenta como a única coisa que deveríamos saber, que podemos

saber, e que rapidamente se vai perder. É apenas um corpo frágil, o de nós, amantes, porque a sua consistência é frágil e é difícil manter-se aí, nessa delicadeza aberta que se expõe, que ganha tudo no seu desejo nobre de continuar aí, e grita, tão fora de si que abole o dentro para mostrar-se, e que, em seguida, se desvanece. Ser vulnerável é só para os fortes, para essa espécie que já quase desapareceu, para nós, amantes.

Tudo é extremamente volátil, líquido, nos que amam. Nada se pode ter, possuir. Apenas o desejo nobre de manter-me aí com a carne delicada e o pensamento escorregadio que não há-de temer possuir para perder, e saber para não saber.

Mas o terrível é que é preciso que os outros saibam. É isso que me desespera. Sou cheia de orgulho: Anseio que essa delicadeza tenha a força de bater nos outros, de deixá-los pálidos perante a mentira, perante tudo o que eles me querem fazer crer. É isso o que me desespera.

5/12/2012

A minha necessidade de violência. Do seu alto bem. Quem fere ou feriu quem eu amo, deveria ser morto, sem questionar mais nada, sem um ápice de remorso. Deveria ser morto por mim, é evidente. É esse o prazer que me pertence.

8/12/2012

Para amar é preciso não ter memória. A memória é o oposto do amor. Todo amor que pretende alimentar-se do tempo que já passou, das lembranças, é duma perversidade indizível. Dói, magoa a pureza dos que amam. Amar é a única acção que é viva, numa constante e imprescindível cisão: É preciso amar-te a cada instante, saber que o segundo anterior não conta. Quando eu recordar os segundos em que já te amei, será porque não te amo. Se eu me lembro de ti, eu não te amo. Certeza absoluta.

Grande desassossego: Há amores que já nasceram mortos, porque nasceram duma lembrança de si mesmos, inclusive antes de eles começarem a viver. É nojento. Assim eles nunca vivem e é esta mentira capital dos outros que me fere. Como conseguiria eu desfazê-la? Cortá-la na raiz?

Todo aquele que quer segurar nas mãos um pedaço do que já passou é pouco corajoso. É ruim. Não vive. Arrastar os outros nas nossas lembranças e decepções, na miséria do suposto amor passado, é o crime maior. Os seres que, para se aproximarem dos outros seres, usam encarniçadamente a tristeza do que se perdeu e a dor do que nunca se alcança, querem um amor piedoso. São duma maldade menor. É a maldade da sobrevivência, dos que desejam um tumulto cheio de gente onde, finalmente, não estão sós. Se alguma vez viveram, e eu duvido, deveriam calar-se como tributo ao que já viveu e já morreu. Se nunca viveram, deveriam matar-se. Sem concessões.

9/12/2012

Tudo começa quando não há nada para ser contado. Subverto-me para falar, para escrever isto. Mas é um começo, porque não haveria de sê-lo? O que não é para ser contado é o que deve ser dito. O que não é para ser feito é o que é preciso fazer. Tenho vontade do dia de amanhã, do sol, num inesperado lirismo. Eu sei, a cidade é a mesma. O que eu farei amanhã, já quase o sei. Mas não sei de mim amanhã, nem mais tarde. Nem sei de ti. Sempre a possibilidade do riso súbito, da morte súbita, da ira ou da alegria sem precedente. Não pelo carácter ou substância do inesperado, não pela matéria do que se espera que vai vir, senão pelo próprio movimento do inesperado, pela acção de não-esperar. Pelo meu gosto em descobrir tudo o que vem a seguir, sem expectativa, ou numa outra expectativa inesperada. Pelo meu empenho em que assim seja, a todo custo. Para perder tudo. E logo começar. Porque não há nada para fazer, nem nada a dizer, apenas existe este solilóquio, que imparável, te atrai. Busco encontrar-me contigo. Desejo isso, mas nem sempre acontece, e então começamos uma outra vez, limpos, como se nunca nos tivéssemos procurado, como se jamais nos

tivéssemos encontrado. Sim, suponho que estou a contradizer-me. Não estava à espera. Ou sim.

10/12/2012

Estou cheia de sono, como se andasse a recuperar-me dalgum naufrágio. Uma nova convalescença, um inverno. Agora é o inverno todo em mim. Não desejo nada. Sou de sono.

Dentro ou fora é igual, desapareceram as membranas todas. Esta homogeneidade e esta indiferença matam-me mas não sei fazer nada. Sempre a limar os cumes e a encher os abismos, a limpar qualquer rasto de vida, até inconscientemente. Uma emoção falsa é sempre pior do que uma ausência. Mas isso não consola. Eu também quero poder desejar normalidade, não quebrar o mais mínimo princípio que me ponha em perigo, afogar qualquer indício duma outra coisa. Quero poder buscar explicações para o desconfortável, ou simplesmente esquecer-me a mim, culpar o sino. Vou dizer que não se passou nada, vou saber que já sei tudo, ou que não o sei, e com a ignorância, estupidificada, ficar calma. E vou também sentir-me insatisfeita, por defeito, para não destoar, mas nunca doida, nunca perdida a sério, sempre sujeita à minha calamidade, e ao meu definido anseio, para não deixar nada, nem um ápice de mim à deriva, entregue ao vento, aos corpos de todos os demais, ao teu corpo, ao desconhecimento.

É impossível falar de amor, às vezes é impossível, porque tudo se dobra e fica tão pequenino que já nem eu o quero alcançar. Às vezes não vale o esforço mas isso não resolve o desconfortável deste lugar morto. Andamos a procurar o quê, tu e eu? Nada, não andamos a procurar nada. Devíamos ser sinceros, não nos cansarmos, não reaar este sono que tanto procuramos, que nos tem enfeitados e cheios de gozo. Dormimos, meu amor, dormimos.

Sou estúpida. Desejo coisas que venham de ti, espero o inesperado, mas também não sei bem o que quero. Dá-mo. Dá-mo. Dá-mo. Devia apenas tomar o que recebo? Transformá-lo? Pode bem ser que não saiba receber. Que não saiba pedir, que as minhas mãos sejam pequenas. Quero crer que tu também queres de mim, e que também não pedes mais porque é difícil pedir o que não se espera. Mas até pode ser que nem disso tenhas vontade. Vontade viva. Ficamos a olhar-nos calados, e, pouco a pouco, vamo-nos esquecendo de falar, e já só sabemos dizer o dito e chorar vaidosamente.

Tenho medo de perder o meu excesso. Só amo quando me excedo a mim mesma, com esse excesso torto, *inservível*. O resto são só amores próprios.

Sou absolutamente aborrecedora. Ponho a língua de fora para ver se acontece alguma coisa. Nada. Apenas vontade de chorar. Não provoço nada. Finalmente era isso.

11/12/2012

Durante as três ou quatro horas de insónia, só são úteis aos outros seres, aqueles que morrem. Quanto mais novos, mais proveito. As lamentações enchem mais do que uma vida.

A vergonha. O desejo de ficar calada para sempre e, no entanto, não poder. Sempre corando, ao perceber o meu excesso e, no entanto, a saber que não é nada. Que o que eu digo é nada. Que o que eu faço é nada. Quero acabar com esta necessidade de gritar, mas também não quero. Se outros vivem de lamentações, porque não hei-de viver do grito?

Eu coro, e todos olham para mim. Então eu coro demais e expludo. O meu sangue é altamente reactivo, incontrolável, parece que deseja atravessar a minha pele, abrir nela um milhão de furos minúsculos. Quer deixar-me sempre em evidência, exposta.

13/12/2012

Estava a dormir. Sonhava. Sonhava com uma espécie de liberdade. Uma sensação disso. Sonhava nalgo que li. Uma planície, a natureza, a sensação de eu ali, nesse estado.

O nosso encontro deixou-me sonolenta, com vontade de dormir, de ter este sonho recém tido. Esquecer. Limpar.

15/12/2012

Perversas. Acham que sentem mais, e mais fundo. Apenam, torturantemente, a uma sensibilidade própria da sua raça fêmea para cometer os crimes maiores. Ostentam o dom de culpabilizar, tão inquestionáveis supõem a sua nobreza e a sua vulnerabilidade! Fazem-se fortes, dignas, merecedoras.

A sua vingança é ruim. Secas, o seu choro provém dos argumentos, aprenderam-no na história. O louvor é para elas. São as que vão manter vivo o fel de tantas gerações.

Pergunto-me que sou eu.

Querem a continuidade da sua própria espécie *fêmea*, uma procriação que não precise do ser do homem. O amor apagou-se, sucumbiu às razões. Não se ama o culpado mas ele é necessário. O progresso precisa dum precedente morto, duma ignóbil referência. Fremebundas, chamam pelo seu culpado para oferecerem ao mundo o seu martírio. Secas. Do ventre e da boca são secas. Engendram filhos mortos, possessões.

Pergunto-me que sou eu. Se poderemos ser os pais do nosso filho.

Sinto-me fértil. Amo. Ponho-me em pé perante elas. Grito.

18/12/2012

Antes havia o amor real e os factos reais. Havia tudo o que acontecia, o que se fazia. Havia a sucessão. Era quase simples falar. Falava-se a mais.

Não faltavam referências. Sempre havia temas, delírios reais. Invenções, problemas e questões, um humor real. Enunciava-me. O tempo contava-me, mantinha-me junto de si. Ele contava quantas vezes se fazia o amor. Eu obedecia o ditado do começo e do fim. Contável é o amor sem vertigem. Há um amor que não tem o nome de amor e, no entanto, chamam-no assim. Contam-no. Perversão de nomes.

Quando perdi os nomes, olhei e vi-te.

Tiraste-me. Arrancaste-me.

Já não sei contar. O amor aboliu o discurso. A infinita redondez do nosso amor desconcertante. O grito que não começou e não acaba. É Isso que quero. Sim.

18/12/2012

Caio nas profundezas. Caio como qualquer peso que cai e nunca chega ao solo. Cair. Quando acordo eu não sei quem sou. Esqueci-o. No entanto, a sensação de existência é premente, doce, intensa.

Depois esqueço isso. Não se pode esquecer o que já antes foi esquecido. O esquecimento não é recuperável. Tentar lembrar-se do que foi esquecido é uma traição para com o esquecimento. É trair o vivo. É trair-te.

Nem os esquecimentos me pertencem, fogem-me. Odeio as lembranças. Odeio-as. Ergo-me criança.

22/12/2012

Uma estúpida necessidade de deserto. Desejo o deserto para todos. Um esquecimento total. Não tenho piedade pelos incapazes de amar. Sinto uma raiva e uma dor quase vulgares, ásperas. Raiva. Tenho necessidade dum batalha como iguais. Crua. Até à morte. Cheia de gritos, sem uma única palavra. As suas bocas coladas aos próprios ossos para salvaguardarem miseráveis orgulhos. Queria arrancar-lhes as faces, ver-lhes os carentes sexos, a vergonha. Queria perder a cabeça e não ter medo do meu ácido a verter-se tão puro como amor. É o meu mesmo amor. Apertam-me a cabeça entre as mãos. Eu tenho um peito terno, flexível. A agilidade dum tronco de flor a fluir na cavidade de mim abre um impúdico caminho. Sou insolúvel, sou insolúvel, sou o meu problema insolúvel, cheio de necessidade de ferir. Trémulas, as mãos, a garganta, os olhos. Se eu batesse, meu deus, se eu batesse. Pergunto-me que hei-de fazer, ardem-me os pómulos, as raízes.

29/12/2012

Nada. É mais de nada. O problema é meu. A insónia é minha. Eu sei, bebi e passei ao outro lado: dum outra insónia, do inferno. A minha insónia ninguém a quer. Não se pode querer o que não nos é íntimo. Como fazer íntima de ti a minha rebeldia nocturna, a febre que não me quer ver adormecer? O cansaço vem de que eu percebo e, simultaneamente, também não. Não sei o que fazer da minha liberdade, sofro de falta de sono.

Eu sei, eu deveria saber o que é preciso dizer, mas sou todas as cabeças a um tempo. Todas as malditas cabeças dos outros, eu sou. Roubo as suas cabeças, todos os seus corpos e encarno mais *eles* do que o que eles *são*. Quando peço por um amanhecer, não sei das razões. Peço na revolta de pedir. Já sei, deveria voltar a casa, adormecer. Deveria calar-me, engolir os dentes, dar-te a minha pele. É impossível dormir. Sei que tu dormes e os outros dormem, eu caminho na floresta dos vossos corpos. A solidão é total, ninguém sabe disto. A liberdade do não-reconhecimento é húmida. Fico aí, sob

as árvores e falo. Doida de lençóis, de irmãos, de amor, e ninguém sabe da desesperação abrupta deste instante. Cheguei aqui, não fiz nenhuma viagem.

Adormeço na rua, enquanto todos falam, no ruído. Mas eu não durmo, apenas penso todos os pensamentos juntos sem o auxílio do tempo. E a intensidade aperta-me tanto que eu não sei acordar e voltar, dizer as coisas. Deforme, sem membros, sem uma boca nem a língua para dizer, sem o meu corpo útil, tenho medo de explodir. O que precede a explosão já está em mim. Não quero a condescendência dos sábios com os rebentados vivos. Pões o dedo nas minhas chagas mas tu és seco. És seco de chagas e de líquidos.

Pedes para eu explicar, porém não explico. Ininterruptamente acordada, dou-te o meu delírio mas não tenho mãos para te trazerem até ele, para te trazerem até mim.

5/01/2013

Sou tão pura que nenhum passado deveria tocar-me. Infesta-me. Tudo o que se guarda não deveria sequer roçar-me. Tudo o que não se consegue fazer presente, destruir no gozo, o que fica para atrás, isso, não deve ter nome, nem deve já existir naquilo que é vivo. Cabeças enquistadas de si mesmas fornecem-me do que eu não preciso. Detesto o cheiro corrupto da posse, acedo.

Acredito numa destruição pura, sem lembranças. Engana-se quem diz que eu tenho um passado. Sofro de não explorar a minha capacidade de presente.

7/01/2013

Não quero o epíteto de humana porque eu sou um nome, um ser, um nome, sem estirpe, sem procedência. Provenho da carne que me negam, da carne que me dão. Se

não faço o amor contigo é para poupar-te da minha selvajaria, não fosses morrer ao descobrir o que nesta criança se adivinha.

Experimentarmo-nos um ao outro, vivermo-nos vivos, isso vai dar na morte do mais fraco e eu já te disse que não tenho família. Só entrará nas minhas entranhas quem não tiver medo da sua própria destruição. Prometo poupar-te. Não temas, prometo-o. Fico na margem santa daquilo que é desconhecido e pavoroso e cheio dos que comem a carne crua e se deixam arrastar nas profundezas.

Nesta margem, corres porque não sabes que antes já correste. Então corres. Implodo-me.

8/01/2013

Pensar no escrito como em algo que fica, isso não quero. Nunca mais quero escrever se for assim. Quero um leitor simultâneo. Não. Quero um amor. O amante simultâneo, centos. Dançarmos a dança que não existe e que se vai fazendo. Vivendo-nos. Extenuando-nos.

Vida não é uma vida. Vivo está no fundo. E brota. É preciso não mentir. É preciso não dizer que não se dizem mentiras. Encarar o perigo. Dizê-lo.

Falar é coisa estranha, não encontro quem o faça. Atrofiam-se as minhas capacidades na inevitável solidão. Perdermos a nossa fala é rejeitar a fertilidade, a possibilidade do nosso filho. Os meus instintos estão cheios de palavra. Na liberdade do que tem que ser dito, eu floresço cruel. Falar é reconhecer deus e fazê-lo meu amante. Dois corpos de criança são feitos para estarem juntos, apavoradamente juntos. Gritar. Roçar com a pele e com a língua, isso, o que tememos, até incorporá-lo em nós. Cindir-nos do que não é tudo.

9/01/2013

O desejo de ti: estandarte da minha fragilidade, da absoluta dependência para *ser* viva. Quero arrancar-te o sangue que se contorce de impossibilidade.

Não me sinto o corpo, o cérebro virou-se pensamento. Curto, muito curto, a vida que não flui mata-me. Sou obrigada ao fluxo. A fruição da alegria está comigo e tenho abençoados órgãos. Dou-te o desejo do nosso filho para criá-lo no sol, na chuva, nos nossos corpos nus, para o amamentarmos juntos. Peço-te somente um milagre. O milagre dos libertados vivos que fazem um filho. Peço-te que lambamos as mãos, um ao outro, para, de mãos húmidas, tocar na carne dele, suavizá-lo. Rebentados de instinto de palavra, vamos dar-lhe a raiz do mundo, carne tenra inesgotável. Estamos cheios de corpos plenos. Corpo sem restrições, sem tempo sobre ele. Se calhar vou envelhecer, ainda não sei.

A minha morte faz o meu corpo pleno e faz a ânsia. A minha ânsia acrescentou-te e assim ganhei a tua morte. Duas mortes que me sangram. Peço-te um filho para ganhar mais uma morte. Sangro-me viva. Os litros são inesgotáveis, fontes.

10/01/2013

Agito-me neste estado de ter que me fazer frente. O que digo tem que sair da minha boca e tenho de ouvi-lo. Ouvi-lo como se eu fosse tu. Quero o cântico que me ilumine a língua e que sejamos uma celebração. Quero o faiscante das profundezas. A minha mão pequena quebra-se ante ti e pede a tua indulgência. Vou ter que continuar a cravar-te disto. Tremo desta necessidade miúda, imparável, neste corpo de criança. Já me pediram todas as explicações e eu não faço mais que tremer. Este frémito é a minha graça, não procurem mais.

Queria ser líquida e banhá-los a todos. Inevitável.

Tudo me foge. Apresso-me por incapacidade, temo não saber lidar comigo se parar, temo a catástrofe. Eu sei que somente vivo quando detida e, ao saber isso, ponho-me a mexer, porque a ausência do tempo é uma ameaça derradeira. Incurável. Faço-me crente mas esqueci as orações. Tenho medo de perder o amor, por isso peço-te para seres deus.

Deveria oferecer-me sem mais, não temer a ferida mortal, a destruição máxima. Mas tenho excesso de carne para tal ascese e não caibo. Estes membros estão a torturar-me.

12/01/2013

Não é a explosão, a energia, a força. Não é só um movimento, um raio. Eu quero o denso, o demoníaco, o vivo. O que abre sem retorno possível, e assusta.

Não, eu não digo nomes para delimitar as coisas, para sabê-las. Se faço da palavra a coisa essencial, é porque a essência não é uma pedra, uma rocha, essência é a abertura impossível, o desconhecimento do limite, o buraco negro do ser da coisa, o pânico.

Fendas, fendas, ilimitadas fendas, buracos pelos quais ser penetrada. Desmembrada. Raios me partam! Os meus raios, os teus, para brotarem de nós todos os infernos e os céus. Até ao ridículo.

13/01/2013

Dá-me tu a escravatura, a submissão total. Não quero mais pensar, pensar por mim. Se tu me encerrasses aqui, se eu já não tivesse opções, se vivesse neste leito para ti, no chão para ti, nas paredes para ti, se eu já não tivesse pernas, pés, numa nova restrição definitiva, total, livre, eu seria o absoluto de mim. Já não teria fugas, escapatórias,

dispersões. Eu seria tua, selvagem, e tu me levarias ao mar, no vento absoluto, e eu diria palavras, as palavras todas, mas só para ti no *selvagem*, tudo perdido, tudo para se perder.

Se tu morresses, o teu poder sobre mim seria definitivo. Ganharia tudo, nada mais a fazer, dar-te-ia tudo. A minha morte, sem eu *ser* morta, seria tua.

13/01/2013

Aos que sabem suportar-os dolorosamente, caladamente. Eu devo saber o nada. Ferem-me com uma intensidade desconhecida por eles e com a raiva que nunca lhes será própria, porque incapazes. Intimamente, viro-me contra eles.

Eu queria explodir-lhes na cara, regá-los de sangue.

Não tenho mestres, não tenho. Deixem-me ir. Vai, María, vai.

Eu sei, pegar-me na mão é um perigo. A mão pequena puxa firme e arrasta-te com ela. Esta mão desespera *de desconhecido*. Anseia pelas profundezas, pelos bosques húmidos, pelo odor dos mortos. Esta mão pula pela explosão da minha cabeça e, na libertação impossível, quer arrastá-los a todos. A todos. Se tu soltares a minha mão, vais perder a possibilidade de vida, da vida que é tua. Se tu soltares uma só vez a minha mão, eu já não volto, não olho para trás. Não tenho essa capacidade, nasci impiedosa.

15/01/2013

No sonho: a sensação de estar caindo e, ao mesmo tempo, a sensação de ter chegado. De *estar* sempre chegada e de seguir caindo. Uma espécie de eternidade, de insolúvel.

O contínuo onde me desconheço, onde sou tudo. Ouvindo desde um corpo líquido, cavernoso, sem definições, sem organização.

Desconheço-me porque desconheço a minha própria morte, a morte que está intocada porque é minha. Sonho com uma bala que alguém dispara na base da minha nuca.guardo a morte, expectante, numa espécie de imersão e de dilatação de mim. Sinto uma fraqueza doce, penso que é o sangue a sair, a espalhar-se. Não olho para o chão, não me atrevo a virar a cabeça, não seja que acelere o que está a acontecer, que destrua a minha própria morte. No entanto, não morro, fico nesse estado vivo cheia dum novo cuidado: preservar a minha própria morte, bebê-la para sabê-la. Caminho, consigo caminhar e vou. No sonho vou por todo lado, não me lembro bem. Também falo. Num som que não me assusta mas que é novo, cheio de desvelo.

Não tinha medo de morrer mas sim de perder, da minha morte, a sabedoria. Aliás, o desejo de vida impunha-se. Neste avançar cauteloso era a vida o que me mantinha viva: a vida que escutava a minha morte.

Estou tentar ouvir a minha própria morte. Tu outorgas-me a possibilidade dela. Escrevo na escravatura da curiosidade, não consigo libertar o demoníaco senão o conhecer por dentro, na carne que se corrompe para se conhecer. Afasto-me dessa outra vida dos mortais e regozijo-me. Passeio, nua, pelo que não me exige um fim e que me envolve, que sabe de mim penetrada por ti, que me reconhece virgem, miúda, criança. Onde chovem todas as minhas infâncias é aqui, neste rubor do malsão, nesta sobredose de línguas e mãos, onde posso carecer dos argumentos, onde não me vou explicar. Onde a terra é minha e o grito, onde todos os honoráveis são mortos e me livre das boas intenções, de quaisquer intenções, da compreensão das banalidades. Tudo o que não é morte é banal. Eu amo, amo, amo. Quero dançar a vida e a morte, no sobressalto do que não é oposto, na humidade do que se vai perder, do que já se está perdendo, do que não é para ser ganho, nem posse. Estou num estertor sangrento e não me reconheces, mas o fascínio que sentes por mim é quase amor. Tu não te reconheces. Tu és, apenas, o que se aproxima de mim. Aproximo-me. Vamos gritar.

16/01/2013

Escrevo para não chorar. Como modo de aproveitar as lágrimas, o nó, as tripas encolhidas e apertadas. Eu sei, quis amar tudo, pôr-me em perigo. Queria meter as mãos nas bocas deles, espremer-lhes os órgãos, recolher qualquer suco vital, deixá-lo correr ácido por eles e pelos meus braços nus. Ver o medo aparecer, a valentia. Tirar-lhes, a todos, a linguagem, definitivamente, para que falassem com a língua da terra e temessem o que estão a dizer. Queria apedrejar-lhes o cérebro, arrancar-lhes os olhos, vê-los falar. A pele e os sexos irreconhecíveis, vermelhos e, no acto de gritar, ouvir-lhes as palavras, a verdade a brotar como o pus.

19/01/2013

Ao acordar deste curto sono, não sei que sou, quem sou. Perco totalmente a percepção de mim. Livre. Entorpecimento do cérebro e do tempo. Ampliação, excesso *irracional*, lúdico. O corpo quase meu.

Quero voltar aí, a esse inconsciente que se aproxima do absoluto, à latência antes da execução, ao informe da possibilidade.

Destino: manifestação de deus em mim. Em mim, não através de mim: eu seria deus. Um destino é uma exigência, a responsabilidade desta liberdade. Resignação é a palavra oposta a destino, é a palavra oposta a deus.

A inexperiência, a loucura e a brutalidade é deus. Amor é deus. Raiva é deus.

25/01/2013

Estava sendo deus. Estava sendo o espaço de deus. Quero saber se te amo sendo deus. Duvido da minha capacidade de me manter deus em nós, temo. No entanto, chamo-te

numa provocação imperdoável. Para tu perceberes que sou deus, peço pelo sangue do meu útero, esse que me rega, que se espalhe todo e alimente qualquer vida. Faço-o vagamente mas com a incisão de deus em mim. Estou no silêncio mas é aí que as palavras não cessam. Sinto a volúpia e o perigo de nunca mais querer sair disto. Este silêncio imparável, prenhe, incombustível, há-de estar a operar no vivo. Chamo por ti. Sou improdutiva de puro ser mas temo que a minha irreverência esteja a fugir impunemente. Não serei inócua mas a inutilidade persegue-me.

Farto-me de santos. Farta de falsas vontades.

Sou livre de qualquer escravatura. Assusta-me saber que sempre vou sobreviver. Já sobrevivi a tudo. Eu queria sofrer por tu seres mau e pela tua violência demoníaca. Anseio pelo demoníaco de ti, tanto como anseio pelo demoníaco de mim. Quero as grutas onde tudo se corrompe.

Quero ser menos para expulsar a fadiga. Não consigo manter-me em pé. Se eu me risse nos outros, não iam perceber nada, iam pedir explicações. Eu devia rir. Estou cheia de estupidez e tenho os pulsos soltos e as pernas banhadas em seiva. Não desmaio porque estou a gozar este estado estúpido de superioridade, sou apenas o deus ruim na distância. Se tu não me acordares vou explodir de orgulho e de beleza. Vou ser a rainha dos mortos a erguer-se nos seus tornozelos, brilhantes da saliva dos seus súbditos. Vou morrer de excesso de excelência e solidão. Quero perder a nobreza, é o que ando sempre a pedir. A minha nobreza é substância quieta. O que é vivo está cheio de fluidos ignóbeis e nunca conheceu o pudor, transborda de corpos de criança. O meu corpo cheio. Criança, antes e depois de criança.

28/01/2013

Eu sei, peço-te para me castigares, para deus me castigar, eu sei, vou responder à grandeza da vossa autoridade. Mas minto, porque eu não posso. Anseio por uma opressão impossível porque nunca a permitiria. Não obedeco, não obedeco, mas isso

não quer dizer que desobedeça, quer dizer que a compreensão da obediência se me escapa. Foge. É mais simples compreender o assassinio, até o meu próprio. Mas eu sei da minha imortalidade e tu também sabes dela. Sou tão estúpida que floresço, e volto a florescer. Deus torna-se estúpido em mim, ri e sangra, e demora-se mais um bocado entre os meus dentes. Sou uma nociva influência, a tua nociva influência, convido-te a desesperar. Sou inexactamente doce.

29/01/2013

Já me cansei. Uma fadiga irreverente repete-se. Quero acabar este absoluto.

Continua a escrever as tuas orações, criatura. É preciso para seres, depois, culpada. A impunidade que me foi outorgada faz-me merecedora da infâmia e dos pecados que desconheço, que não me são próprios. Eu só peço quando encolhida. Abro-me e não fujo desta carne por que todos caminham. Os meus braços erguem-se e os dedos crepitam. Toco, toco. As pernas já não me pertencem. Deixo-me fazer, a carne volta sempre ao seu lugar. É preciso desmembrar uma vez mais. Deveria festejar esta eterna flexibilidade, mas é que depois o corpo dói e até os olhos doem. Estou cansada.

Só um grito, um grito poderia dar-me um imediato consolo. Vou gritar.

29/01/2013

Num húmido instante tudo vai cair, a minha força desmembrada. É terrível ser-se criança. Inquestionável mas frágil, frágil, frágil. Digo ao meu amor que não vou desfalecer. Dizer é o que me dá a força, mas o que vem a seguir é tirarem-me a pele. Sem protecção, chamo pelo pânico de eu não saber dizer. Todas as palavras fugidias e eu vermelha de flor, vermelha de sangue de membro desmembrado. Coro da vergonha antecipada de ficar pequena, de não raivar. Temores a mais eu não preciso. O meu pensamento é fraco, carente de recursos. Quero ser nua dentro dos outros por

pura impossibilidade do resto, nada mais a fazer. Tenho a boca miúda, miúda, os olhos no grito e não consigo dizer. Estou a chorar na garganta, mas fico em pé. Sinto o corpo leitoso, cheio de água. Vejo a curva do que existe já e sempre, como sem partes rígidas, como sem partes. Estou perdida.

1/02/2013

Constricções, compressões, reduções. Se tu pedes menos, não dou. Fico extática, imóvel. Retirado o meu excesso, não sou. Não me atinjo se tu, de mim, pedes menos. Preciso de ti para exceder-me, sofro de mortal desgosto no freio que me põem. Falso cuidado encontro nos que querem poupar-me o esforço do sangue. Medrosos do incontrolável, porque aí as insignificâncias brotam todas. Temem ser atravessados porque o seu sangue seco não jorra. Peço por uma barbárie de hemorragias.

Deus é uma criança que foge, esconde-se no compacto de mim, de puro encolhimento. Os meus pedaços estão todos aqui, torpemente reunidos para evitarem a catástrofe que há-de vir.

Estou a mentir. Estou carente de febre. Não me excedo, fiquei reduzida a isto. Não vou dizer mais. Calo, calo, calo.

Quando acho que percebi tudo, é quando não percebo nada. Sou estúpida de nascença. Abençoada mácula. Apenas sei do nervo que estalou em lágrimas e do cuspo que engoli. Estou cheia de cuspo insatisfeito e ando molhada em tanto cuspo, meio afogada de saliva. E tu a gritares-me e eu não oiço, apenas oiço a baba que engoli. Tanta vontade de bater com toda a força nas canelas de alguém e fugir logo, e fazer mal, mal, mal, tanto mal venturoso.

5/02/2013

Penetrar no escuro traz sempre consequências. Não se volta do escuro limpo, vem-se cheio de sangue e baba, cheio de úteros. A vida pede-me para eu a viver mas não venho de onde as coisas são para ser vividas, venho de onde nasce a vida, de onde a vida se multiplica e é um amor sem peneirar. Amor é um nome sem polissemia.

Tu dizes que escorreguei de mim e vem a santa missa ao meu socorro. Não tenho corpo, não tenho corpo, não tenho corpo. Não falo senão barbaridades. São os pedaços de deus que engoli quando criança. Já vem o riso surdo, o riso que se escreve. Já viste deus na convulsão do riso? Ele usa-me para rir e então eu posso rir-me de tudo. A vibração máxima, esgotante, a separação definitiva. O grande delírio de estar aqui, tão só. Se eu pudesse mostrar-te estes altares e esta planície ausente de palavras, amar-me-ias na morte viva, e até na vida pedirias desta morte. Mas é que eu tenho de falar, e *sou* viva. Ponho-me séria de palavras e coro de impossibilidade. Então repreendes-me e orgulho-me de acordar em ti essa ira. Orgulho-me de ti e de mim.

Sou uma descarada, sempre ganho. Não se equivocam os que me dizem má. Uma maldade superior, bíblica. Sem causa e sem objecto. Uma necessidade.

9/02/2013

É sempre ruído, ruído. Mas o ruído não impede, sei-o. Tira-se o ruído e já está. Não estou a lutar contra coisa alguma, tira-se o ruído e já está. Não acuso o ruído, tira-se o ruído e já está. Sem ruído, não é silêncio o que há, é um algo assustador, untuoso, carente de humanidade. Porém, humano, mais humano do que nada. Uma reverberação da própria carne a ser-se, um absoluto duma coisa inextinguível, uma eternidade cruenta. Sinto liberta a necessidade de bater no rosto dos outros, de magoar feias cabeças, minguados corpos. Olhem para mim, vou perder-me no irracional. Passeio a língua pelos grãos de areia, incontáveis, intermináveis, num impossível de dizer o que subitamente conheço e que gela o mecanismo dos olhos e

me faz transpirar sobre o deserto e oiço o som duma outra língua e eu já não tenho língua. A língua foi cortada, lançada ao ar, e com a sua ausência, que não matou o desejo, vou lambar os ventres dos homens, mas só de aqueles libertos da explicação do ser, sem reivindicação de humanidade. A língua engolida pela própria garganta, numa busca ao contrário, num desígnio que se antecipa a tanta vileza e tanto corpo amontoado. Peço para ser objecto da inconcebível tortura, sou sempre forte a mais para esta vulgar exigência. Não suporto tanto rude devir e tanta estupidez entre as línguas. Afinal, é preferível entregar-se ao mal, é isso que descobro. Mas é que não conheço o mal. O próprio mal, o meu, não o conheço. A minha mácula eis-me negada, não tenho suplício a cumprir, não estou ligada a qualquer desgraça. Sem remorso, sofro de possibilidade. Nego-me a tomar como castigo o que é uma liberdade.

Sempre tive de mais. Tenho de mais, sofro de excesso e de alegria. O meu sangue é receptor absoluto, nada lhe é negado. A minha lucidez e a minha graça cindem-me dos carentes. Deixam-me a sós.

Estou a aproximar-me do mutismo e quanto mais sei isso, mais me rebelo. Não vou abandonar o meu desígnio, embora não saiba dizer. Vou só afundar-me no mutismo brevemente, e arrancar-lhe coisas. Mas o mutismo está feito de palavras e isso deixa-me perplexa. Quero que o silêncio se cale e, se ele se calar, eu vou saber o que hei-de dizer. Abandono tudo, peço-te para vires comigo.

20/02/2013

E como combater os filhos da carência? Aqueles que nascem do inverso do desejo? Que dor extrema pelos que não nascem libertos! Os que já antes do ventre carregam a ruindade dos pais aos quais não deviam pertencer! E, no entanto, é-lhes permitido *nascer* só pelo seu estatuto de pertença. E só nascerão *filho*. Os pais impedem-lhes nascer *criatura*. Serão pertença viva. Troféu dos cruéis.

Sinto uma revolução no útero, hastes a cravarem-se em mim, tenho o choro nas veias, vontade de cuspir, de fugir até o lugar onde os filhos são dum deus que não pertence a um pai. Livres e impúdicos a correrem como sangue. É preciso uma nova raça, mas ela chama por uns novos pais. Pais puros para esses anjos libertados, lúbricos, obscenos, sem penas capitais. Não macularei a carne do filho com qualquer rasto de pecado, nem a mais mínima tristeza haverá de tocá-lo, antes matar-me-ei para deixá-lo solto, sem a história e o peso dos mortos, mortos, mortos.

Pais degenerados, obsoletos de vida, insalubres, sem alma nos pulsos, os sexos secos a acolherem vida, como é possível? Grito: Opróbrio! Opróbrio de deus e dos homens. Sinto-me enjoada, ferida pela injustiça que se levanta perante mim como instituição desta raça vazia, como carcaça deste homem sem água, feito da secura das posses, das pertenças, do respeito. Cheio de ideias de si mesmo, filho de si próprio, pai de si próprio, perpetuador da sua ineptidão para o amor. Ídolo do Medo supremo, adorador da sua curteza e da pequenez dos seus órgãos, arrasta a progénie até a inexistência e ninguém, ninguém pede vingança!

Eu peço. Peço vingança e vou por ela. Não sei o que hei-de fazer mas não desisto. Sou ainda mais forte, descomunal. Os membros rebentaram, rebentam de ódio vivo. Sem membros, sanguinolenta, vermelha de fertilidade; fruto e mãe da perplexidade, cavalo de sementes, caminho com vontade de assassínio, com os filhos a chamarem por mim e eu disposta, elástica; capaz do impossível e banhada de graça, avanço. Avanço, avanço até ti para me entregar, lambo os teus pés. Entre as tuas pernas sou criança, ofereço-te as mãos limpas, cor do sangue, e o corpo tão pequeno, tão inútil, tão capaz, e peço-te um filho, todos, todos os filhos que possamos salvar, toda uma raça. Uma raça cheia de pernas, de línguas, de olhos húmidos inundados duma alegria singular. Sem parecências, sem memória, sem uma estirpe morta que lembrar. Descendentes do vivo, do grito e do que, se for em troca, nunca se dá.

...

Não tenho tempo. Para tanto mal em mim não tenho tempo. As origens do mal começam a explodir em mim, lúbricas, e eu já não quero fugir-lhes. Não me peças que

viva nos dias, o mal é infinito. Eu digo que é o mal e sei que minto, ando sempre a mentir, grávida de maldade. Achas que um corpo assim resiste aos dias? Não, é demasiado grande, quase uma aberração. Ainda não reguei o mundo com as minhas indiscrições todas. Tanta multidão detém-me. Eu quero em ti alcançar o terrível que há em mim e enviuar-nos um ao outro. As demandas vão morrer sob o nosso peso, nem uma só concessão. Matei tudo. Mato. Cuspo-lhes, às irmãs e aos irmãos, o sangue pobre é pobre e não é digno de ser derramado. Mas vou matá-los, o seu sangue insípido não merece um corpo. A sua cordura e a sua insanidade arrastam-me dos cabelos. A minha saúde rebentar-lhes-á os nervos carregados de substâncias impuras, não acredito na redenção dos bastardos de coração. Na impostura, crescem e multiplicam-se. Só se multiplica aquilo que carece duma essência. A multiplicação é a vitória dos impotentes.

...

A boca retrai-se ligeiramente. Entesa-se o meu lábio como para se defender da vida, como um reflexo que lhe impõe o meu pensamento. Uma relutância última, o temor que há-de ser vencido. O pensamento está a abusar de mim, se o verão não vier cedo, vou ser quase uma pedra com raízes. Devo procurar um verão perpétuo onde desenrolar esta preguiça, onde adormecer em espaços de sol e ser fremente e viva. A pele indiferente que se queimou ao sol e depois ardeu durante toda a noite numa doce vigília grita uma sabedoria.

...

Já uma vez tive uma infância. Foi antes de eu nascer. A infância não é para se *saber*, a infância é o que vem amanhã, também hoje. Antes não sabia ser-me criança, agora digo-o para sabê-lo. Por puro prazer. É-se criança quando não se tem pais e mais tarde conhece-se a dor de tê-los e é preciso esquecê-lo tudo. A traição é o começo do vivo. Uma traição limpa e verdadeira, sem querer poupar-se. Eu traio-te abertamente, olho-te nos olhos e traio-te, e sabes que sou criança e enfraqueces.

Não sou assim tão fraca, mas o sol queima, sim. Eu quero a queimadura. E quero que tu a queiras. Quando sabes querer podes querer tudo, até o mal. A raiva é quando quero o que não é permitido e fico incompleta. Tudo o que se pode querer, pode-se também ter. Os desejos vêm sempre do além. Um desejo menor do que a sua própria negação, não é um desejo. Mentiras. Desejo é desejo e já está. Queimadura.

...

E, repentinamente, sobe até à superfície alguma coisa, tudo fica substanciado e novo. Tudo, não eu. Sou quem vê as coisas, quem sabe como, inutilmente, elas emergiram. Vou escrever para não as perder e quando escrevo já está tudo perdido há séculos. A natureza é perder-se, estar perdida. Perder tudo, até a fala e, no entanto, preciso da fala para perder as coisas, para desfazer tudo e ficar estupidificada perante o que já não se pode dizer. Já nada pode ser dito, cansam-me as repetições, o mundo estreitou até um ínfimo buraco onde enfiar meus lábios. Para beijar, para saborear alguma coisa, alguma ausência, uma boca. Vou falar por este buraco estreito sem esperar resposta alguma, o solilóquio é uma libertação mas também cansa. É a volúpia íntima que rejeito e ponho-me, outra vez, interminavelmente, entre as tuas mãos. Quentes, húmidas de inexperiência, elas vão tomar a minha boca sem lhe pedir nada, só pelo prazer de tocar em algo que ainda não apodreceu. O que é fresco é fresco, e sempre foi. Se acordaste em mim tantos corpos deve ter sido para não envelhecer nos teus. O meu corpo nasceu saciado, sábio, mas as minhas mãos atraçoam-me. Atraçoam-me a minha boca faminta e o meu estômago frágil.

...

O verão demora, não ousa aparecer. O meu estômago pede pela sua súbita aparição. Para nos queimarmos ao sol, para beber a fome. Os verões esconderam-se, fugiram de nós, são eles que rejeitam os corpos vestidos e que comem. Estou a tocar no osso da minha clavícula, e sei como ele incita ao canibalismo. O verão é canibal, gasta tudo. Quer gastar-nos no sol, no sal, apagar-nos. Vou apagar-me nele graciosamente, deixo-me dominar pelo seu encanto. Verões cheios de ventres de homens, dum só ventre, onde eu possa repousar a minha cabeça, onde pese sobre a tua carne. Esbeltos, os dois

duma magreza singular e húmida. Nós, cheios do que nunca há-de chegar, desamparados. Apenas vivos. Que doçura e que espasmo! O verão não é para os fracos.

...

No hay lenguas, no hay. Tengo esta otra lengua, que es siempre la misma, roja, irreverente, tímida. Lengua inútil, cayendo de la boca y de las manos, húmeda. Soy torpe, no consigo decirla. Ya no sé volver. Nunca supe. No sé a dónde volver. Estoy parada, en pie. Qué importa la lengua si lo que consigo decir se gastó en el verano, en el verano que todavía no aparece. Nunca. Qué importa la lengua si lo que digo está ardiendo, en carne viva, sin rastro de ceniza, sin restos que salvar para explicar. Se está quemando ahora, la carne, y ya no sé decir. Me estoy perdiendo, *amor meu*, sucumbiendo a mí. Cantan los veranos para quemarlo todo, para roer, para beber. Para saber que nada fue dicho, *que nunca nada é dito*. Y canto para enloquecer, dentro de tu boca. Y para borrarlo todo, canto.

bibliografia*

* A seguinte enumeração recolhe apenas os livros que li desde Fevereiro de 2011, data da minha chegada a Lisboa, até hoje. É incompleta. Recolhe aqueles livros que consegui recordar no momento da elaboração da lista. Mas isto não é um exercício de memória, não me preocupo com os esquecidos: as referências bibliográficas que se seguem são as dos livros que estão vivos hoje e que alimentam tudo o que digo e não digo. Li a maioria deles na íntegra (li as palavras escritas do começo ao fim), e só nalgumas excepções li apenas fragmentos. Mas se recolho todos por igual, sem referir este detalhe, é porque os fragmentos que li são como um todo. Também li outros livros e, de muitos outros livros, li fragmentos, mas não chegavam a mim como totalidade. Desinteressavam-me, morriam e eu devolvia-os, limpos, ao seu lugar na Biblioteca. Esses não aparecem mencionados, apesar de serem muitos.

Antelme, Robert e Maurice Blanchot. *A espécie humana*. Lisboa: Ulisseia, 2003.

Artaud, Antonin. *Eu, Antonin Artaud*. Lisboa: Hiena, 1988.

Artaud, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Artaud, Antonin. *O teatro e o seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Barca, Calderón de la. *La vida es sueño*. Madrid: Castalia, 1998.

Bataille, George. *A literatura e o mal*. Lisboa: Vega, 1998.

Bataille, George. *História de ratos: diário de Dianus*. Lisboa: Hiena, 1988.

Blake, William. *A união do céu e do inferno*. Lisboa: Relógio d'Água, 2010.

Blanchot, Maurice. *Morte suspensa*. Lisboa: Ed. 70, 1988.

Bloom, Harold. *A angústia da Influência*. Lisboa: Cotovia, 1991.

- Cioran, E. M. *A tentação de existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.
- Cioran, E. M. *Do inconveniente de ter nascido*. Lisboa: Liv. Letra Livre, 2009.
- Cioran, E. M. *En las cimas de la desesperación*. Barcelona: Tusquets, 2009.
- Cioran, E. M. *Silogismos da amargura*. Lisboa: Liv. Letra Livre, 2009.
- Correia, Alda. *A quarta dimensão do instante: estudo comparativo da epifania nos contos de Virginia Woolf, Katherine Mansfield e Clarice Lispector*. Lisboa: Universitária, 2004.
- Cummings, E. E. *Eu: seis inconferências: conferências Charles Eliot Norton 1952-1953*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- Duras, Marguerite. *A ausência de Lol V. Stein*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *A dor*. Lisboa: Círculo de leitores, 2003.
- Duras, Marguerite. *A tarde do senhor Andesmas*. Lisboa: Mem Martins: Europa-América, 1991.
- Duras, Marguerite. *Cadernos de guerra e outros textos*. Lisboa: Oceanos, 2007.
- Duras, Marguerite. *Chuva de verão*. Lisboa: Livros do Brasil, 1991.
- Duras, Marguerite. *Destruir, diz ela*. Lisboa: Dom quixote, 1971.
- Duras, Marguerite. *Dez horas e meia numa noite de verão*. Lisboa: Círculo de leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *É tudo = C'est tout*. Lisboa: Livros Brasil, 1999.
- Duras, Marguerite. *Emily L*. Lisboa: Círculo de leitores, 1995.
- Duras, Marguerite. *Escrever*. Lisboa: Difel, 1994.
- Duras, Marguerite. *Moderato Cantabile*. Lisboa: Difel, 1986.
- Duras, Marguerite. *O amor*. Lisboa: Presença, 1972.
- Duras, Marguerite. *O jardim*. Lisboa: Livros do Brasil, 1993.

- Duras, Marguerite. *Olhos azuis, cabelo preto*. Lisboa: Difel, 2001.
- Duras, Marguerite. *O marinheiro de Gibraltar*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1989.
- Duras, Marguerite. *Os insolentes*. Lisboa: Círculo de leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *Outside: notas à margem*. Lisboa: Difel, 1983.
- Duras, Marguerite. *O verão 80*. Lisboa: Livros do Brasil, 1990.
- Duras, Marguerite. *O vice-cônsul*. Lisboa: Círculo de leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *Textos secretos*. Lisboa: Quetzal, 1987.
- Duras, Marguerite. *Uma barragem contra o pacífico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *Vida tranquila*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Duras, Marguerite. *Yann Andréa Steiner*. Lisboa: Livros do Brasil, 1992.
- Durrell, Lawrence. *El libro negro*. Barcelona: Edhasa, 1987.
- Durrell, Lawrence. *Justine*. Barcelona: Edhasa, 1997.
- Durrell, Lawrence. *Mountolive*. Lisboa: Ulisseia, 1973.
- Durrell, Lawrence. *O labirinto das trevas*. Lisboa: Ulisseia, 2003.
- Emerson, Ralph Waldo. *A confiança em si, a natureza e outros ensaios*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.
- Eurípides. *Hipólito*. Lisboa: Colibrí, 2005.
- Gide, André. *Os frutos da terra*. Lisboa: Ambar, 2007.
- Gombrowicz, Witold. *Cosmos*. Lisboa: Vega, 1995.
- Handke, Peter. *A angústia do guarda-redes antes do penalty*. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.
- Handke, Peter. *A hora da sensação verdadeira*. Lisboa: Difel, 1988.
- Handke, Peter. *A mulher canhota*. Lisboa: Difel, 1976.

Handke, Peter. *A tarde de um escritor*. Lisboa: Presença, 1988.

Hanke, Peter. *Ensaio sobre o dia conseguido: um sonho de inverno*. Lisboa: Difel, 1994.

Handke, Peter. *Numa noite escura saí da minha casa silenciosa*. Lisboa: Casa das Letras, 2006.

Handke, Peter. *Para uma abordagem da fadiga*. Lisboa: Difel, 1990.

Handke, Peter. *Uma breve carta para um longo adeus*. Lisboa: Difel, 1987.

Kerouac, Jack. *Big Sur*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Kerouac, Jack. *Duluoz, o vaidoso*. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.

Kerouac, Jack. *Os subterrâneos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.

Kerouac, Jack. *Tristessa*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

Kleist, Heinrich von. *Pentesileia*. Porto: Porto Editora, 2003.

Koltès, Bernard-Marie. *Cais Oeste*. Lisboa: Cotovia, 1999.

Koltès, Bernard-Marie. *Na solidão dos campos de algodão*. Porto: Moura Editora, 2006.

Lawrence, D. H. *A vara de Aarão*. Lisboa: Dom quixote, 1997.

Lawrence, D. H. *Filhos e amantes*. Lisboa: Círculo de leitores, 1995.

Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Lispector, Clarice. *A cidade sitiada*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

Lispector, Clarice. *A maçã no escuro*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

Lispector, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

Lispector, Clarice. *Contos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.

Lispector, Clarice. *O lustre*. Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

Lispector, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Lisboa: Círculo de leitores, 1988.

Lispector, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Mansfield, Katherine. *Contos*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

Mansfield, Katherine. *Numa pensão alemã*. Lisboa: Difel, 1995.

Mansfield, Katherine. *O insustentável peso da solidão*. Carcavelos: Coisas de ler, 2005.

Malraux, André. *A estrada real*. Lisboa: Livros do Brasil, 2004.

Miller, Henry. *Cartas a Anaïs Nin*. Lisboa: Difel, 1997.

Miller, Henry. *Crazy cock*. Lisboa: Círculo de leitores, 1993.

Miller, Henry. *Obscenidade e Reflexão*. Lisboa: Vega, 1991.

Murdoch, Iris. *Acasto: dois diálogos platónicos*. Lisboa: Cotovia, 1990.

Murdoch, Iris. *A máquina do amor sagrado e profano*. Relógio d'Água, 2004.

Murdoch, Iris. *Henry e Cato*. Lisboa: Cotovia, 1996.

Murdoch, Iris. *O mar, o mar*. Relógio d'Água, 2005.

Murdoch, Iris. *Os olhos da aranha*. Lisboa: Difel, 1986.

Murdoch, Iris. *O tempo dos anjos*. Mem Martins: Europa-América, 2000.

Nin, Anaïs. *Incesto: de "A jornal of love": o diário inexpurgado de Anaïs Nin 1932-1934*. Lisboa: Presença, 1993.

Nin, Anaïs. *Passarinhos*. Cascais: Bico de pena, 2005.

Perec, Georges. *A vida: modo de usar*. Lisboa: Presença, 1989.

Perec, Georges. *La cámara oscura*. Madrid: Impedimenta, 2010.

Perec, Georges. *Um gabinete de amador*. Lisboa: Presença, 1993.

Perec, Georges. *Um homem que dorme*. Lisboa: Presença, 1991.

Sand, George e Alfred de Musset. *Cartas de amor*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

Sand, George. *Diário íntimo*. Lisboa: Antígona, 2004.

Smart, Elizabeth. *Junto à Grand Central Station sentei-me e chorei*. Lisboa: Teorema, 1997.

Vega, Lope de. *La dama boba*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000.

Vila-Matas, Enrique. *Exploradores del abismo*. Barcelona: Anagrama, 2007.

